

# GÊNERO, TRABALHO E AS CADEIAS PRODUTIVAS NO MÉDIO JURUÁ



**ASMAMJ**  
Associação das Mulheres  
Agroextrativistas do Médio Juruá



—INSTITUTO—  
**JURUÁ**  
POVOS, RIOS E FLORESTAS



# GÊNERO, TRABALHO E AS CADEIAS PRODUTIVAS NO MÉDIO JURUÁ

## REALIZAÇÃO:



## APOIO:



Por meio da:



# FICHA TÉCNICA

## **COORDENAÇÃO GERAL**

João Vitor Campos-Silva - Presidente do Instituto Juruá

Rosângela Cunha - Presidenta da ASMAMJ

## **CONCEPÇÃO**

Almira Nascimento - ASMAMJ e Instituto Juruá

Carolina Freitas - Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)

Jessica Pereira de Souza - Memorial Chico Mendes e Instituto Juruá Juruá (pesquisadora colaboradora)

João Vitor Campos-Silva - Instituto Juruá

Quilvilene Cunha - ASMAMJ

Raqueline Nery - ASMAMJ e FMJ - Fundo Médio Juruá

Rosângela Cunha - ASMAMJ

Ronnayana Silva - Sitawi e Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)

## **ELABORAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Jessica Pereira de Souza - Memorial Chico Mendes e Inst. Juruá (pesquisadora colaboradora)

João Vitor Campos-Silva - Instituto Juruá

Lívia Cruz - Instituto Juruá e Arizona State University

Nathalia Zouain Messina - Instituto Juruá

Ronnayana Silva - Sitawi e Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)

## **OFICINAS DE MAPEAMENTO DAS CADEIAS DE VALOR SENSÍVEIS AO GÊNERO**

Andressa Sayori Minato - Instituto Juruá

Antônia Rosa de Souza Matos - Equipe de campo ASMAMJ

Fabício Carvalho da Costa - Equipe de campo ASMAMJ

Fernando da Costa - Equipe de campo ASMAMJ

Francisca Braga de Lima - Equipe de campo ASMAMJ

Gabriela Vedovello - INPA e Instituto Juruá

Leidyane Araújo da Costa - Equipe de campo ASMAMJ

Lísley Pereira Gomes - Virginia Tech, Instituto Mamirauá e RedeFauna

Lívia Cruz - Instituto Juruá e Arizona State University

Nathália Zouain Messina - Instituto Juruá

Rosângela Cunha de Lima - Equipe de campo e presidenta da ASMAMJ

Silvia Helena Rodrigues - Instituto Juruá (voluntária no ciclo 2022/02)

## **COLETA DE DADOS**

Antônia Rosa de Souza Matos - Equipe de campo ASMAMJ

Fabício Carvalho da Costa - Equipe de campo ASMAMJ

Fernando da Costa - Equipe de campo ASMAMJ

Francisca Braga de Lima - Equipe de campo ASMAMJ

Leidyane Araújo da Costa - Equipe de campo ASMAMJ  
Rosangela Cunha de Lima - Equipe de campo e presidenta da ASMAMJ

## **ORGANIZAÇÃO E DIGITALIZAÇÃO DOS DADOS**

Viviane Costa da Silva - Instituto Juruá (colaboradora)

## **SISTEMATIZAÇÃO, ANÁLISE DE DADOS E REDAÇÃO**

Camila Duarte Ritter - Instituto Juruá  
Lívia Cruz - Instituto Juruá e Arizona State University  
Nathália Zouain Messina - Instituto Juruá

## **REVISÕES, DISCUSSÕES E OUTRAS CONTRIBUIÇÕES**

Almira Nascimento - ASMAMJ e Instituto Juruá  
Camila Duarte Ritter - Instituto Juruá  
Candida Mota - Instituto Juruá (voluntária no ciclo 2022/02)  
Diego Viegas - Natura  
Jessica Pereira de Souza - Memorial Chico Mendes e Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)  
João Vitor Campos-Silva - Instituto Juruá  
Lívia Cruz - Instituto Juruá e Arizona State University  
Nathália Zouain Messina - Instituto Juruá  
Quilvilene Cunha - ASMAMJ  
Raqueline Nery - ASMAMJ e FMJ - Fundo Médio Juruá  
Rosangela Cunha - ASMAMJ  
Ronnayana Silva - Sitawi e Instituto Juruá (pesquisadora colaboradora)  
Thaís Penna - GIZ Brasil

## **FINANCIAMENTO**

- Projeto Cosméticos Sustentáveis da Amazônia, uma parceria entre a Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH e as empresas Natura e Symrise, no âmbito do programa de desenvolvimento do Ministério da Cooperação da Alemanha (BMZ)
- Instituto Juruá
- Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá - ASMAMJ

## **DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO**

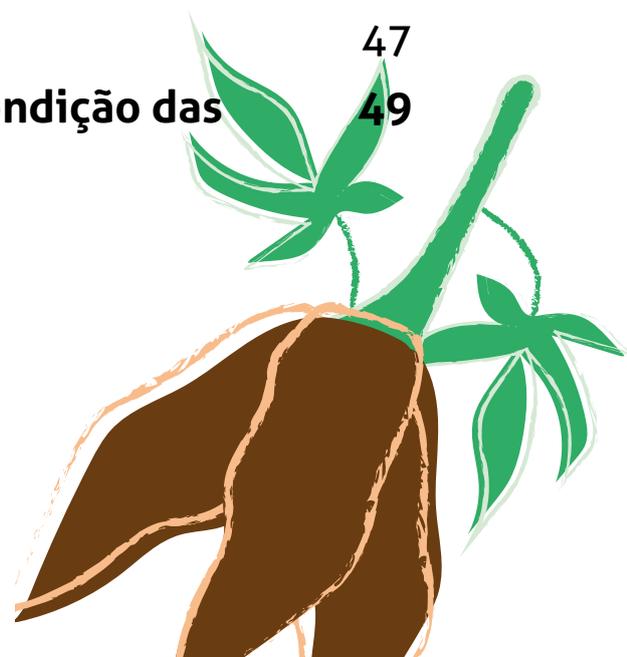
Ana Medeiros

Instituto Juruá (Associação de Pesquisa Aplicada, Conservação e Desenvolvimento Sustentável do Rio Juruá) e ASMAMJ (Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá). **GÊNERO, TRABALHO E AS CADEIAS PRODUTIVAS NO MÉDIO JURUÁ**. Carauari, AM: IJ, Outubro de 2022. 53p.

1. Amazonia; 2. Conservação; 3. Economia Feminista; 4. Mulher; 5. Sociobiodiversidade.

# SUMÁRIO

<b>1. Quem somos</b>	<b>7</b>
<b>2. Introdução</b>	<b>9</b>
<b>3. Conceitos abordados</b>	<b>13</b>
<b>4. Gênero, trabalho e as cadeias produtivas</b>	<b>18</b>
Perfil Social	19
Participação Social	20
Perfil Reprodutivo	22
Uso do Tempo	23
Cadeias Produtivas	25
Cadeia do Açaí	27
Cadeia da Borracha (seringa)	29
Cadeia da Farinha (roça de mandioca)	31
Cadeia do Pescado	33
Cadeia do Pirarucu	35
Cadeia do Murumuru (oleaginosas)	38
Cadeia da Andiroba (oleaginosas)	40
Percepções de estereótipos de gênero	44
Cursos e Capacitações	44
Segurança no Trabalho	47
<b>5. Considerações finais: Melhoria da condição das mulheres nas cadeias produtivas</b>	<b>49</b>



1



# 1. QUEM SOMOS

## O QUE É A ASMAMJ?

A Associação de Mulheres Agroextrativistas do Médio Juruá (ASMAMJ) é uma organização de base comunitária, nascida em 2004 com o objetivo principal de fomentar ações que promovam a qualidade de vida das mulheres das unidades de conservação, terra indígena e outras áreas do Território Médio Juruá, localizado no estado do Amazonas. A luta da ASMAMJ é pelo empoderamento, autonomia e visibilidade das mulheres.

## E O INSTITUTO JURUÁ?

O Instituto Juruá (IJ) é uma associação composta por conservacionistas, pesquisadores e lideranças locais, que atua em estreita parceria com moradores e organizações comunitárias da região do Médio Juruá. Propomos soluções criativas, baseadas em fortes subsídios científicos, colaboração e protagonismo local, que assegurem um futuro socialmente justo e ambientalmente saudável para a Amazônia.

## E O PROJETO COSMÉTICOS SUSTENTÁVEIS DA AMAZÔNIA?

O Projeto Cosméticos Sustentáveis da Amazônia tem objetivo de fortalecer organizações de base comunitária no uso sustentável da sociobiodiversidade. É uma parceria entre a Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH e as empresas Symrise e Natura, no âmbito do programa develoPPP do Ministério da Cooperação da Alemanha (BMZ). Este oferece às empresas apoio técnico e financeiro para projetos de interesse comercial e benefícios para a população local.

2

2020



Foto: Bernardo Oliveira (acervo IJ).

## 2. INTRODUÇÃO

Alcançar a equidade de gênero e empoderar as mulheres e meninas, sobretudo em países periféricos e de altas desigualdades sociais, é um tema imperativo e representa um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU - um plano global para alcançarmos em 2030 um mundo melhor para todas as pessoas. De forma similar, a capacitação de jovens para que consigam uma absorção digna no trabalho também vem sendo abordada como um tema crucial para o desenvolvimento local em diversos territórios.

Nesse sentido, nos países sul-americanos, e especialmente na Amazônia rural, o empreendedorismo das mulheres e jovens nas cadeias de valor da sociobiodiversidade é um importante mecanismo para incidências de políticas e obtenção de resultados positivos.

Assim, desde 2019, no contexto da Assembleia Geral da ASMAMJ e da elaboração de seu Planejamento Estratégico, esforços foram mobilizados – para a concepção do diagnóstico, divulgado parcialmente nesta cartilha. Ao perceber as restrições à participação da mulher

em certas etapas das cadeias produtivas<sup>1</sup> do Médio Juruá e a invisibilização delas nestes trabalhos, bem como nos trabalhos domésticos, surgiu a necessidade de se realizar um estudo profundo sobre esse cenário, levando em conta a vida familiar e comunitária na região. Ao encomendar a consultoria para a pesquisa, a ASMAMJ também considerou diagnosticar um tema latente no território, que é a Juventude. Cerca de 90% das mulheres associadas são mães de jovens, e, além do mais, há uma percepção geral de que essas pautas estão conectadas, podendo caminhar lado a lado com as questões de gênero.

Deste modo, o Instituto Juruá foi convidado pela ASMAMJ em uma forte cooperação para dar início aos trabalhos, o que só se tornou viável graças ao apoio e financiamento do Projeto Cosméticos Sustentáveis da Amazônia. Esta cartilha, no entanto, não intenciona apresentar os resultados completos do diagnóstico, o qual pode ser encontrado no [relatório técnico](#), e tem enfoque nas possibilidades de melhoria da posição da mulher nas cadeias produtivas do Médio Juruá.

---

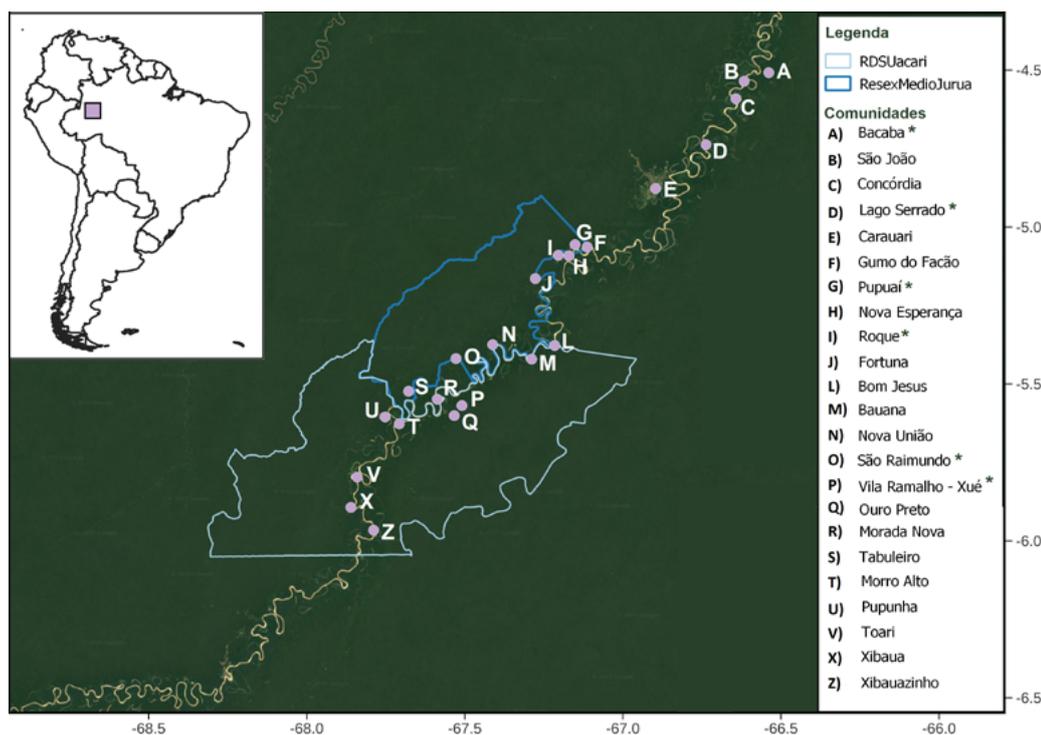
<sup>1</sup> Cadeias produtivas são um conjunto de fases operacionais consecutivas na qual uma matéria-prima é transformada em um produto final.

## COMO FOI REALIZADA A PESQUISA?

A coleta de dados iniciou-se com as atividades de campo entre Maio e Junho de 2022. Depois, entre Julho e Agosto, os dados foram sistematizados e analisados, passando por revisões e validações com os parceiros entre Setembro e Outubro do ano corrente. No campo foram visitadas 22 comunidades da RDS Uacari, RESEX Médio Juruá e Área do Acordo de Pesca do baixo Carauari (ver mapa),

onde ocorreram as **310 entrevistas semiestruturadas para homens e mulheres** (acima da maioria, incluindo jovens adultos). Além disso, também entrevistamos **133 jovens** (entre 12 e 18 anos), cujo resultados são apresentados no relatório. Paralelamente às entrevistas individuais, também foram realizadas seis oficinas de grupo focal denominadas "*Mapeamento das Cadeias de Valor Sensíveis ao Gênero*"<sup>2</sup>, abordando as principais cadeias produtivas da região e as pautas de gênero.

### Área de trabalho



Mapa das comunidades visitadas. Os destaques com asterisco na legenda correspondem às comunidades em que foram realizadas oficinas participativas. A área da RESEX Médio Juruá corresponde à delimitação azul clara e a da RDS Uacari, azul escura. O mapa à esquerda mostra a América do Sul com destaque ao município de Carauari, também com sua sede indicada (letra E).

<sup>2</sup> A ferramenta "*Mapeamento de cadeias de valor sensíveis ao gênero*" é apresentada no conjunto de material didático do "Programa de capacitação em gestão para técnicos de ATER - Programa CapGestão", implementado através do projeto Mercados Verdes e Consumo Sustentável. O Projeto é promovido pelo Governo Federal da Alemanha, por meio da *Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ) GmbH*, com o apoio do consórcio ECO Consult Sepp & Busacker Oartnerschaft e IPAM Amazônia, em colaboração técnica com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) do Brasil. (Disponível em: <<https://www.programacap.org.br/material/caixa-de-ferramentas-de-genero-em-cadeias-de-valor-2019/>>, acesso em Agosto de 2022).



## QUAL É O RECORTE TEMÁTICO?

O enfoque principal do diagnóstico trata das condições das **mulheres e jovens nas cadeias produtivas** mais importantes da região, que são: pirarucu de manejo, seringa (cadeia da borracha), mandioca

(cadeia da farinha), pescado, açaí, murumuru e andiroba. Além dos *trabalhos produtivos* dedicados às cadeias da sociobiodiversidade do Médio Juruá, o diagnóstico também traz uma abordagem sobre os *trabalhos reprodutivos*, não remunerados, voltados para o lar e a família, que são papéis historicamente atribuídos às mulheres e meninas.

## O QUE ENCONTRAREI NESTA CARTILHA?

O principal objetivo aqui é apresentar alguns dados relevantes do diagnóstico, que possam subsidiar possíveis **melhorias à condição das mulheres nas cadeias da**

**sociobiodiversidade do Médio Juruá**, sob o aspecto da equidade de gênero. Servimo-nos também deste material para divulgar alguns conceitos chaves que fundamentam a base teórica da pesquisa e que podem despertar importantes reflexões para maior amadurecimento sobre a temática.



## LEIA O RELATÓRIO COMPLETO DO DIAGNÓSTICO

“Gênero e Juventude nas Cadeias de Valor do Médio Juruá”  
acessando [esse link](#) ou o QR Code ao lado

3



Foto: Carolina Freitas (acervo IJ).

# 3. CONCEITOS ABORDADOS

Antes de apresentar os principais resultados relacionados às cadeias produtivas do Médio Juruá e os encaminhamentos para a melhoria da condição das mulheres nessas

atividades econômicas, queremos expor o que pensamos sobre os conceitos de Gênero, Cadeias de Valor e os paralelos entre Trabalho Produtivo e Trabalho Reprodutivo.

## ENTENDE-SE POR GÊNERO:

Um conceito que vem de uma construção social, que muda com o tempo, o local e o contexto, para atribuir às mulheres, aos homens, meninos e meninas seus papéis sociais, seus comportamentos, seus modos de ser, agir e pensar. Assim, diferentemente do sexo, que significa o biológico, o gênero representa todo o acúmulo de processos socioculturais que são transferidos em um dado tempo e espaço aos homens e às mulheres. Os papéis estereotipados de gênero reproduzem crenças em padrões, tais como: “meninos vestem azul e meninas vestem rosa; homens não podem chorar; mulheres devem cuidar de casa; homens são provedores do lar; homens são fortes e as mulheres frageis”. Tudo isso é uma

construção social, mas será que sempre foi assim ao longo da história humana? E se invertêssemos os papéis? O que isso representaria para o desenvolvimento pessoal e coletivo?

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), o conceito de ‘Gênero’ reporta-se a:

“papéis, comportamentos, atividades e atributos que uma dada sociedade em um dado momento considera apropriado para homens e mulheres [e as relações entre meninas e meninos. Estes atributos, oportunidades e relações são socialmente construídas e são aprendidas por meio de processos de socialização (...).” (Organização das Nações Unidas no Brasil, 2016)

Deste modo, afirmamos de antemão que gênero não é sinônimo de mulher, mas para alcançarmos a equidade de gênero, há que se debruçar em um trabalho sério e comprometido, de curto, médio e longo prazo, que valorize a mulher em todas

as instâncias da vida social, assim como afirma a ASMAMJ em seu Planejamento Estratégico do biênio 2022-2024: **“Mais voz e mais vez para as mulheres”**.<sup>3</sup>

Para que a abordagem de gênero seja plenamente contemplada, é importante

## CADEIAS DE VALOR & CADEIAS PRODUTIVAS

*As cadeias de valor são cadeias produtivas que podem ser compreendidas pelo modo como os elos ou as etapas de trabalho, desde a origem ao consumidor final, estão articulados, coordenados e dialogam entre si, em seus distintos níveis de gestão.*

Diferentemente das *cadeias produtivas* comuns, as cadeias de valor envolvem um agenciamento qualificado de pessoas

trazer um olhar interseccional, que envolva questões geracionais, etárias, étnicas, raciais, econômicas, territoriais e outras relevantes à análise sociocultural.

e organizações dispostas a colaborarem mutuamente em benefício da cadeia. Segundo Luciana Rocha, assessora técnica da GIZ Brasil e especialista em cadeias de valor, *“a base filosófica do trabalho é a competitividade da cadeia e não a competitividade de cada empresa ou organização que está envolvida com ela.”* Luciana, em entrevista ao IJ, ainda complementa que: *“A estrutura da cadeia é formada por atores interdependentes, que se preocupam com o resultado da cadeia como um todo”*, havendo, assim, um alto fluxo de informações entre esses atores.

### Diferenças entre uma cadeia produtiva e uma cadeia de valor

CADEIA PRODUTIVA	CADEIA DE VALOR
Custo; Preço	Valor; Qualidade
Produto básico	Produto direcionado
Oferta	Demanda
Independência	Interdependência
Fluxo curto	Fluxo extensivo
Competitividade da empresa	Competitividade da cadeia

Fonte: adaptada do material didático da GIZ Brasil (<https://www.giz.de/en/html/index.html>).

<sup>3</sup> Documento interno da ASMAMJ, em forma de planilha, utilizado para o planejamento do biênio 2022 a 2024 da associação. Solicitar acesso via e-mail: <asmamj.mulheres@gmail.com>.

Percebe-se, então, que em uma cadeia produtiva, os níveis de participação são mais básicos, menos complexos e valorados, enquanto que nas cadeias de valor, o arranjo de atores envolvidos compactua com acordos variados para que se possa extrair uma visão estratégica comum a todos. A troca de informação é extensiva, uma vez que há alta interdependência entre os atores. Além disso, os atores frequentemente passam por treinamentos e capacitações para que se possa obter um produto cada vez mais direcionado ao que os consumidores e os produtores desejam.

Neste contexto, temos diferentes níveis de gestão e engajamento:

- 1 Em um primeiro nível, dispõe-se o segmento de **operadores** da cadeia, tais como: indivíduo, família, comunidade, associação, cooperativa e empresa.
- 2 No segundo nível, configuram-se os prestadores de serviços, dispostos entre os **serviços de apoio** (*ATER, ONGs/OSCs, bancos, organizações de fundos provedores, sindicatos, sistema S, universidades, institutos de pesquisa, etc.*) e os **serviços operacionais** (*logística, transportadora, certificadora, consultoria, marketing, etc.*).
- 3 E em um terceiro nível, observam-se as instituições reguladoras, tais como o ICMBio, IDAM, SEMA-AM, SIM e outras.

4 **Em uma cadeia de valor cujo enfoque de gênero é tomado como princípio**, também se faz necessário articular arranjos institucionais com **serviços de apoio que possam aliviar o trabalho doméstico e de cuidados familiares, especialmente das mulheres, que são, historicamente, as responsáveis por desempenhar esses papéis**. Esses serviços podem ser de órgãos públicos ou privados, tais como: *escolas, creches, serviços recreativos às crianças, apoio à maternagem, alimentação, terapia, assistência psicossocial, entre outros*.

**O mesmo se recomenda para jovens**, através da articulação de um arranjo institucional capaz de promover educação, suporte e autonomia a esses grupos.

Tendo em vista que as cadeias produtivas da sociobiodiversidade do Médio Juruá podem ser beneficiadas com a implementação do conceito de Cadeias de Valor, tal como vem ocorrendo com o pirarucu de manejo, sugere-se sua incorporação, com especial enfoque de gênero e juventude no mercado de trabalho.

# TRABALHO PRODUTIVO E TRABALHO REPRODUTIVO

Considerando o aporte teórico da Economia Feminista, conforme Silvia Federici (2009)<sup>4</sup>, que traz paralelos

entre o **Trabalho Produtivo**, remunerado, voltado para o mercado; e o **Trabalho Reprodutivo**, não remunerado, voltado para as atividades do lar e da família (relativo à gestação, amamentação, cuidados com filhos, preparo de alimentos e cuidados com a casa), reforçamos a necessidade de reconhecimento, valorização e recompensa a esse último.



Foto: Sayori Minato (acervo IJ).



Foto: Carolina Freitas (acervo IJ).



<sup>4</sup> FEDERICI, Silvia. A reprodução da força de trabalho mundial e a revolução feminista inacabada, 2009. Em: Federici, Silvia. O ponto zero da revolução. Coletivo Sycorax e Editora Elefante, 2019, p. 194 a 232. Disponível em: , acesso em Out 2022.



4



Foto: Bernardo Oliveira (acervo IJ).

# 4. GÊNERO, TRABALHO E AS CADEIAS PRODUTIVAS

## LEGENDA

Divisão por gênero

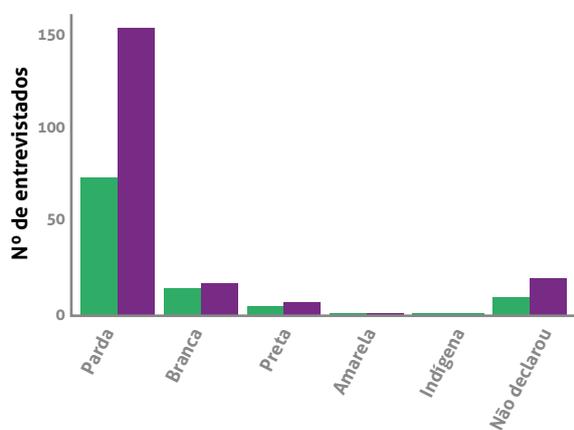


## PERFIL SOCIAL

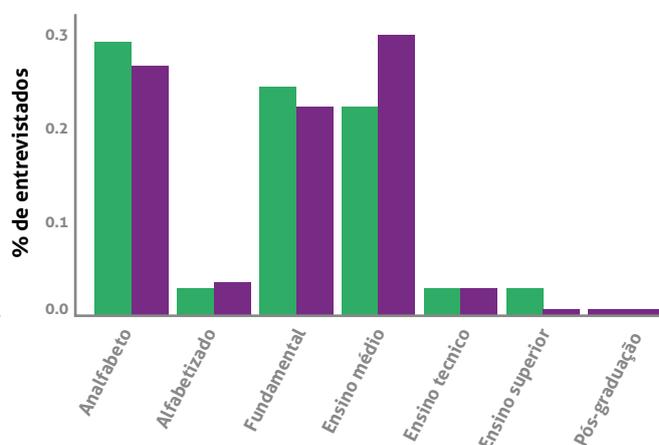
### Adultas(os) entrevistadas(os)

CATEGORIA	MULHERES	HOMENS
Intervalo das idades	18 a 83 anos	20 a 78 anos
Média das idades	36 anos	41 anos
Intenção de deixar a comunidade	10 entrevistadas	5 entrevistados
Idade ao casar (média)	18 anos	23.5 anos
Idade ao casar ou viver com companheira(o) (intervalo)	12 a 57 anos	12 a 48 anos

### Raça de acordo com a classificação do IBGE



### Escolaridade



## PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Em termos de **participação social e representatividade**, observa-se que 96% das(os) entrevistadas(os) concordam ser positivo ter mais mulheres em posições de liderança na comunidade. No entanto, apenas 29% das mulheres compõem algum grau de liderança. Das que não possuem essa posição, ao serem questionadas se sentiriam vontade de ocupar esses espaços, 10% disseram que sim. Dessas, a maioria (53%) mencionou que falta apoio da comunidade para elas terem uma posição de liderança.

Para embasar essa discussão obtivemos os dados históricos de três importantes organizações de base do território: ASPROC, AMARU e CODAEMJ.

Os dados fornecidos pela ASPROC demonstram que 753 homens são associados (87%), enquanto apenas 113 mulheres (13%) associaram-se. Na CODAEMJ a filiação é de 297 homens (71%) e 120 mulheres (29%). Já na AMARU ocorre o inverso, apesar da pequena diferença, 342 são mulheres e 327 homens, as mulheres são maioria entre os associados da AMARU, com 51,12%. Entretanto, mesmo com a maioria das(os) associadas(os) da AMARU sendo mulheres, desde 2015 até o mandato de 2023, os homens são os que

ocupam grande destaque na composição da diretoria. É importante mencionar que atualmente as organizações de base locais devem ter no mínimo 30% da sua diretoria formada por mulheres.

Em relação à participação em espaços de tomada de decisão, os dados coletados nas entrevistas de pesquisa demonstram que cerca de 9% dos homens e 24% das mulheres não participam de reuniões de associações. Na Figura 13, podemos observar a discrepância de participação por gênero no público das últimas Assembleias Gerais da ASPROC, por meio dos dados fornecidos pela associação. Esse evento é o principal espaço de tomada de decisões do Médio Juruá, uma vez que são debatidas as atividades e projetos desenvolvidos dentro do território, assim como as decisões referentes à organização de base mais antiga e representativa da região. A baixa participação feminina nesses espaços reforça a invisibilização das mulheres nos espaços de tomada de decisão.



### Participação em assembléias da ASPROC

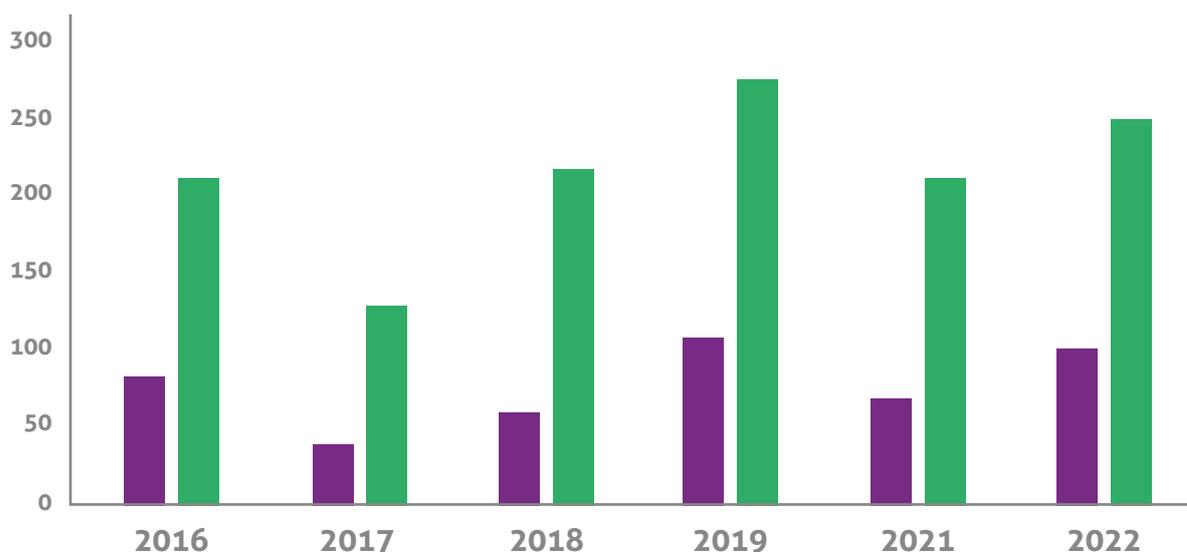


Figura 13: Quantidade de mulheres (lilás) e homens (verde) que participaram da Assembleia Geral da ASPROC nos últimos 6 anos. Dados obtidos por meio das listas de presença dos eventos.

Perguntamos quem é o principal responsável pelo cuidado com as crianças durante reuniões comunitárias ou de associações. Observou-se que 70% das entrevistadas(os) apontaram uma mulher ou menina (mãe, avó, irmã mais velha ou outra parente mulher da criança) como responsável por esses cuidados, sendo que mais de 50% disseram ser a

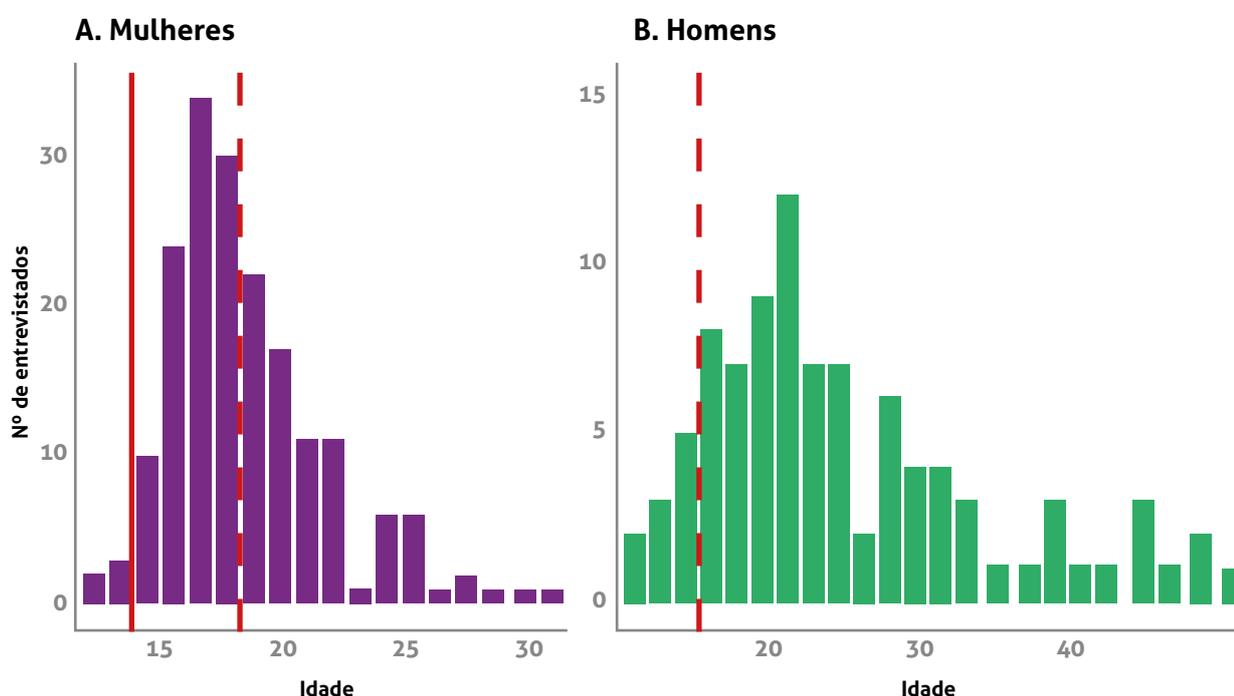
mãe a principal cuidadora. Homens (pais e avôs das crianças) apareceram em 27% das respostas como responsáveis pelas crianças durante as reuniões. Tal dado ressalta a visão de que mulheres são as responsáveis pelo cuidado das crianças. No caso da indisponibilidade da mãe, na maioria das vezes, outras mulheres da família assumem o cuidado no lugar do pai.

# PERFIL REPRODUTIVO



Foto: Ronnayana Silva (acervos IJ e ASMAMJ).

## Idade com que teve o primeiro filho(a)



### MULHERES

3% tiveram o primeiro filho antes dos 14 anos e 5% tiveram aos 14 anos de idade.

55% tiveram o primeiro filho antes dos 18 anos e 11.5% aos 18 anos de idade.

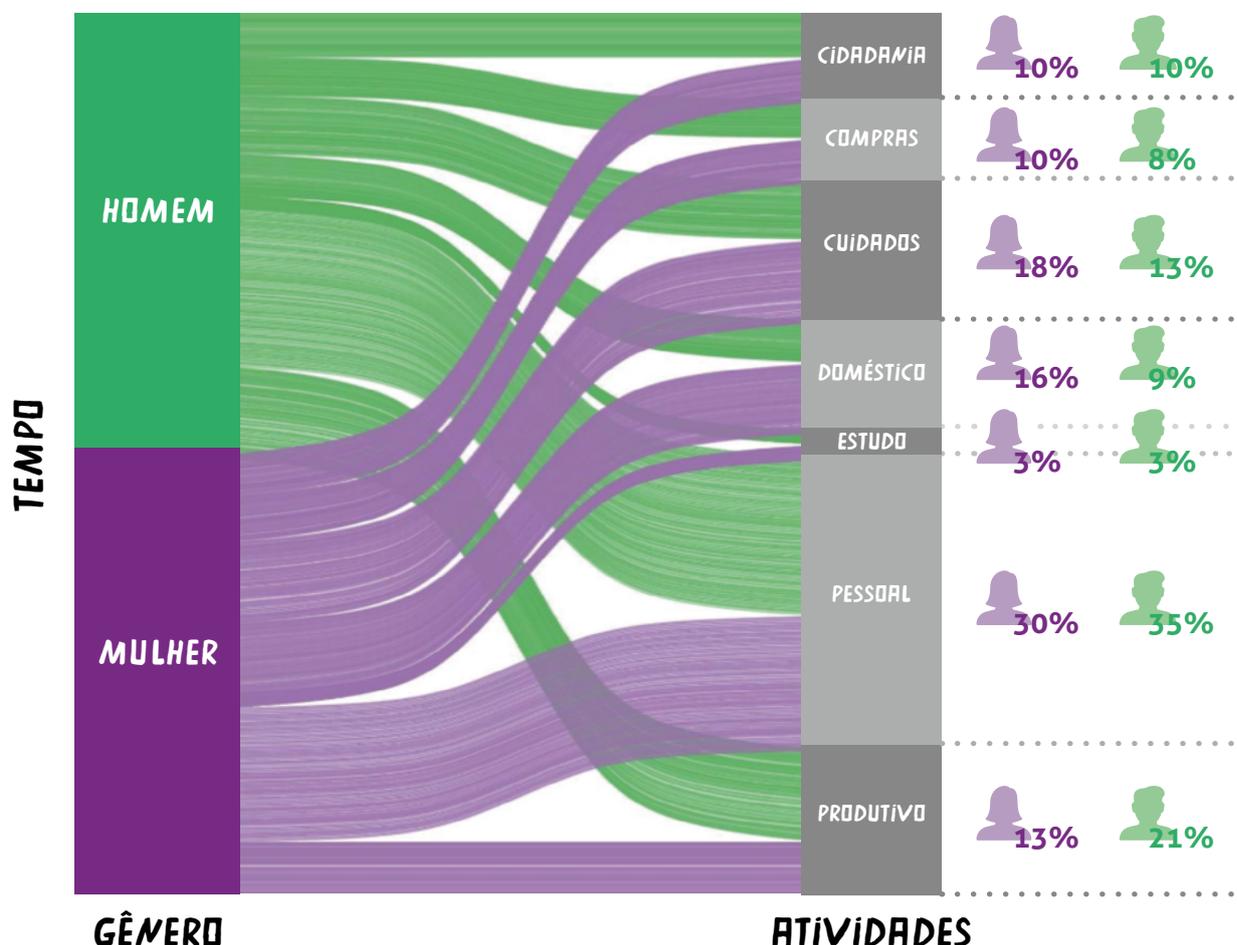
### HOMENS

Nenhum entrevistado teve filhos antes dos 15 anos.

12% tiveram filhos antes dos 18 anos (9% com 18 anos)

# USO DO TEMPO

Porcentagem do tempo gasto por homens e mulheres nas diferentes atividades



Encontramos que mulheres e homens dedicam um tempo similar para algumas atividades nos territórios (compras; exercício da cidadania; e estudos), havendo diferenças mais notáveis nos tempos dedicados ao *trabalho produtivo remunerado* (de mercado), em que homens dedicam mais tempo; aos *trabalhos domésticos e de cuidados familiares* (trabalho reprodutivo), em que as mulheres dedicam mais tempo; e às *atividades pessoais*, em que homens desfrutam mais tempo livre que as mulheres (ver diagrama de fluxos).

Sabendo que o trabalho de reprodução da vida (de cuidados do lar e da família) é gratuito e historicamente desvalorizado, enquanto que o trabalho dito produtivo (de mercado) é monetizado, tal realidade desperta para a figura estereotipada do homem provedor e da mulher restrita ao ambiente doméstico, em posição de inferioridade financeira e autonomia reduzida, dentro de uma lógica da economia patriarcal.

Enfatizamos a importância de trazer para as estatísticas o trabalho reprodutivo,



como mecanismo para situar as mulheres de forma produtiva, pois sem essas atividades (alimentar, limpar, organizar, cuidar, etc.), não há trabalho produtivo que se sustente no mercado.

Foi ainda apurado que o fato da mulher dedicar 18% do seu tempo para cuidar dos filhos e dependentes familiares demonstra parecer ser um motivo de impedimento para seu ingresso e desenvolvimento no mercado de trabalho, visto que 45% das mulheres e apenas 5% dos homens com filhos disseram ter parado de realizar alguma atividade remunerada ou produtiva após terem tido filhos.

Essa distribuição desigual de trabalho doméstico e de cuidados (trabalhos não pagos) entre homens e mulheres é um padrão que se repete globalmente e que se reflete não só na vida profissional das mulheres, como também fragiliza a saúde mental dessas que carregam cargas mais pesadas que os homens no que diz respeito a essas atividades. Como consequência, essa sobrecarga afeta todos os aspectos da vida pessoal, familiar, comunitária e profissional das mulheres.

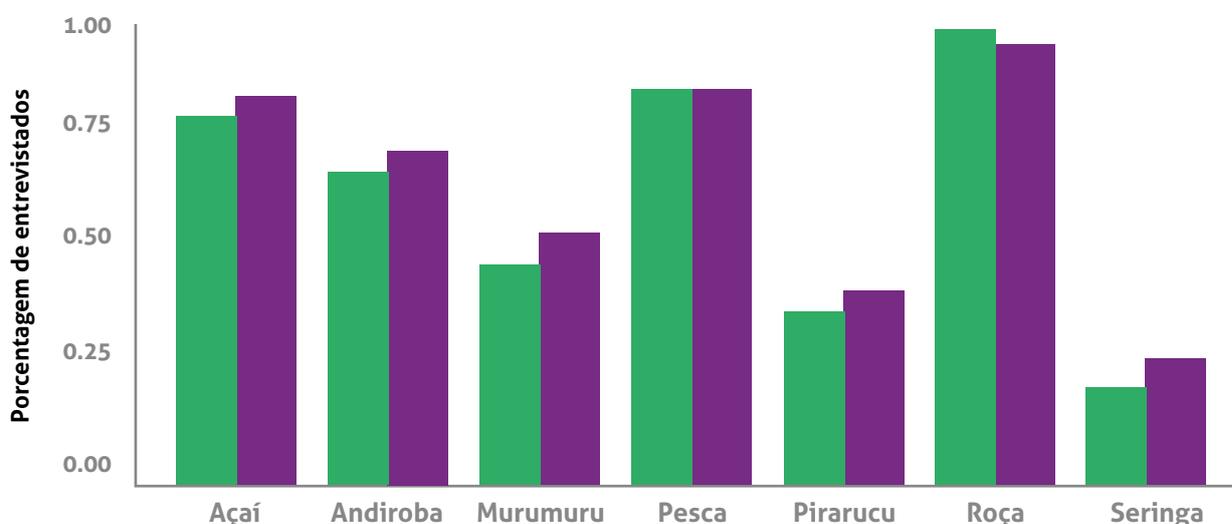
Analisaremos, pois, a realidade do trabalho de mercado, que gradualmente vem cedendo espaço à maior participação feminina, seja nos meios formais ou informais.

# CADEIAS PRODUTIVAS

As principais cadeias do meio rural no Médio Juruá estão ligadas à Sociobioeconomia na Amazônia e práticas de conservação de base comunitária, ora com manejo produtivo mais adequado,

ora sem protocolos técnicos específicos. Na região, há um destaque ambiental e socioeconômico para sete principais cadeias: **pirarucu de manejo, seringa (cadeia da borracha), mandioca (cadeia da farinha), pescado, açaí, murumuru e andiroba.**

## Participação em cadeias produtivas



A partir do gráfico de participação em pelo menos uma (01) etapa das cadeias produtivas, podemos perceber que as mulheres estão mais na cadeia da farinha, seguida do pescado (em igual proporção aos homens), do açaí, das oleaginosas (andiroba e murumuru, nessa ordem), pirarucu e seringa.

Assim, temos que:

- 91% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia da farinha, em contraste com 95% dos homens.
- 83% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da

cadeia do pescado, em contraste com 83% dos homens.

- 80% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia do açaí, em contraste com 77% dos homens.
- 70% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia da andiroba, em contraste com 66% dos homens.
- 53% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia do murumuru, em contraste com 45% dos homens.
- 40% das mulheres entrevistadas

Foto: autoria desconhecida (acervos IJ e AANE).



participam em pelo menos 1 etapa da cadeia do pirarucu, em contraste com 35% dos homens.

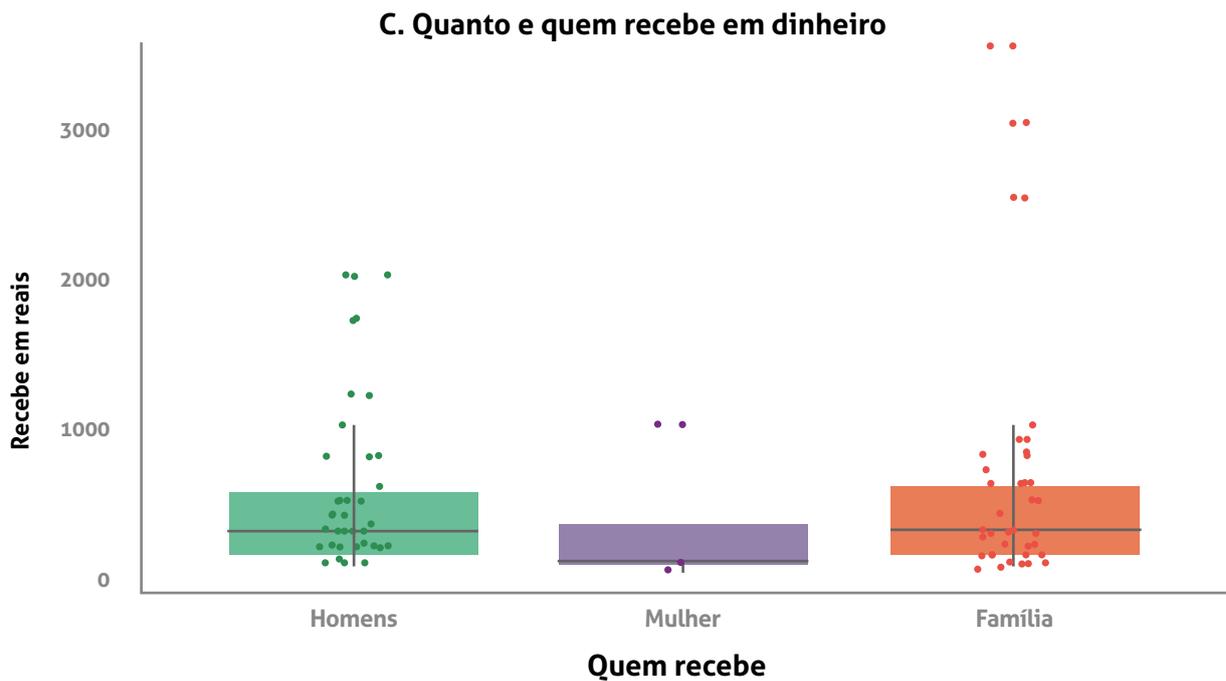
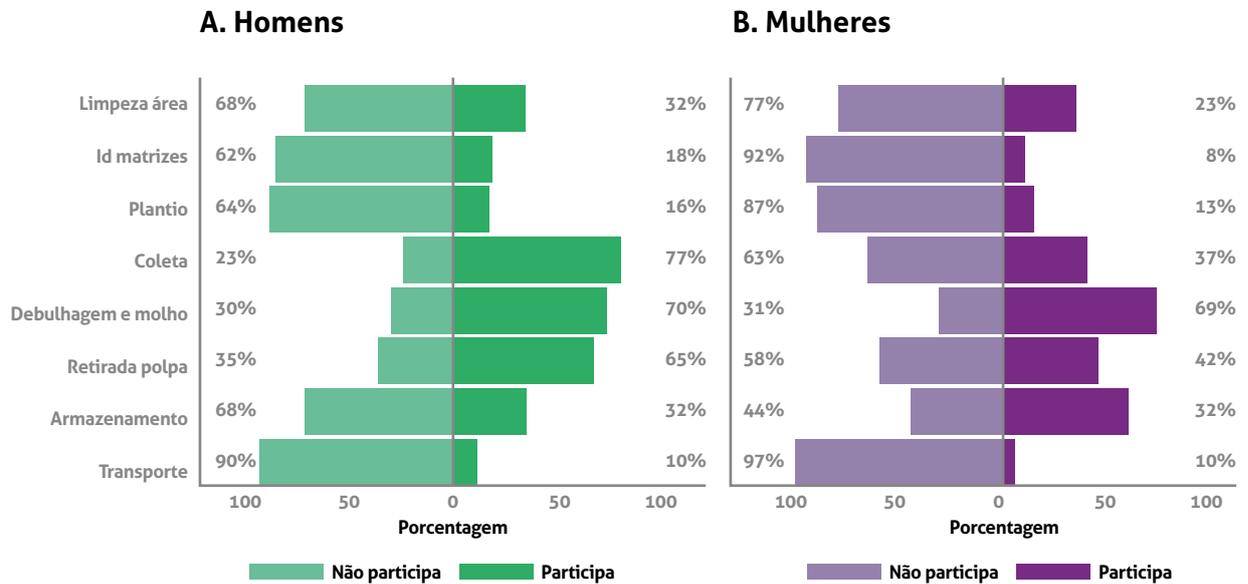
- - 25% das mulheres entrevistadas participam em pelo menos 1 etapa da cadeia da borracha, em contraste com 20% dos homens.

Diante do exposto percebe-se que: se a participação na cadeia produtiva for considerada como pelo menos uma (1) etapa trabalhada, observamos que a

proporção de mulheres é maior do que a de homens, em todas as cadeias, exceto a da farinha (menor proporção) e a do pescado (igual proporção), que são as duas atividades econômicas em que as famílias ribeirinhas mais participam na região.

**Vamos olhar, agora, mais profundamente, para a participação de mulheres e homens em cada etapa das cadeias produtivas:**

# CADEIA DO AÇAÍ (*Euterpe spp*)



Valores em reais (R\$) recebidos pela safra do açaí. Cada ponto representa um(a) entrevistado. A linha no interior da caixa representa a mediana, que é o ponto central da distribuição dos valores.



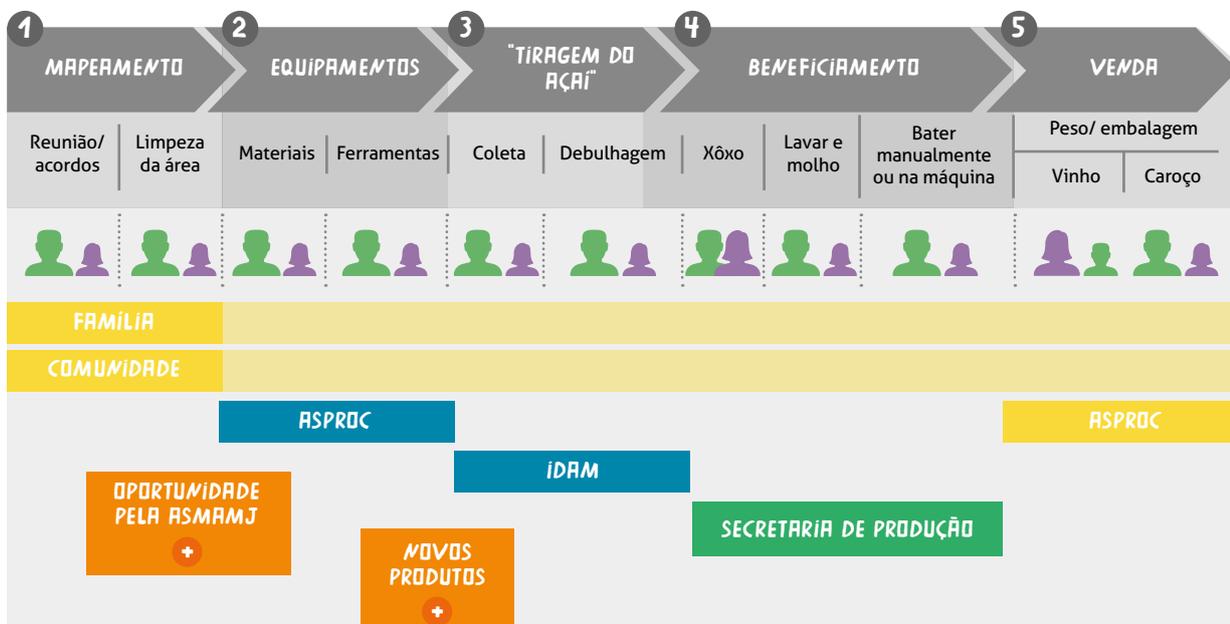
Foto: Hugo Costa (acervo IJ).

Na Cadeia do Açai, homem e família recebem similarmente, na faixa central de R\$300. A mulher recebe bem abaixo

disso (somente 4 mulheres recebem algum valor, variando de R\$50 a R\$1000).

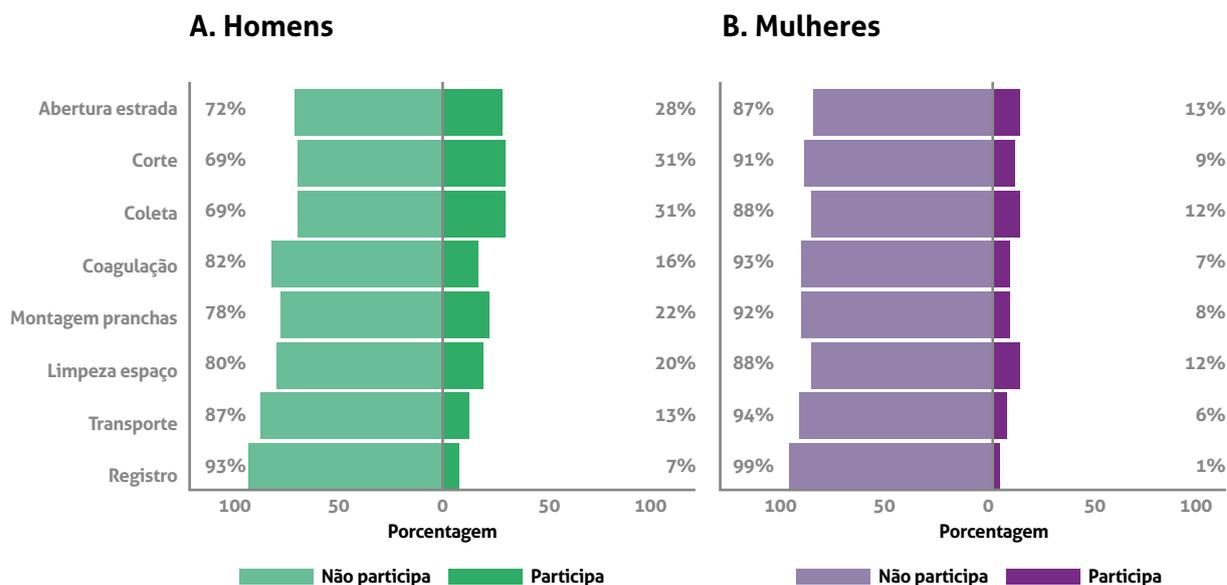
## Cadeia do Açai na perspectiva da comunidade Bacaba

Mapeamento gerado pela oficina

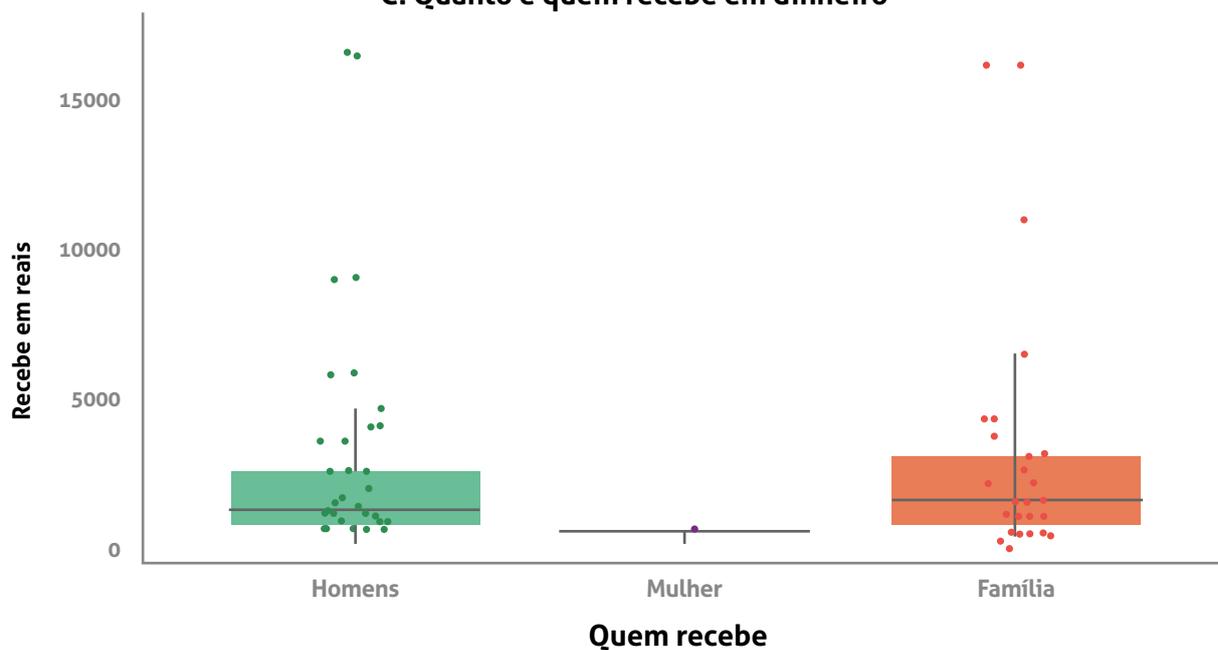


Na legenda em cores, temos: Escala de cinza: os elos da cadeia. Amarelo: operadores primários da cadeia. Azul: serviços de apoio. Verde: ambiente regulador. Vermelho: restrições. Laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição que ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente o elo indicado na vertical. OBS 2: Nesta oficina foi necessário desmembrar mais os elos para tornarmos visíveis as atividades às quais as mulheres se dedicam mais. OBS 3: nesta oficina não foram levantadas as posições dos serviços de apoio e instituições reguladoras; somente as das organizações operadoras primárias.

# CADEIA DA BORRACHA (SERINGA - *Hevea spp.*)



## C. Quanto e quem recebe em dinheiro



Valores em reais (R\$) recebidos pela safra da seringa. Cada ponto representa um(a) entrevistado. A linha no interior da caixa representa a mediana, que é o ponto central da distribuição dos valores.

Na Cadeia da Seringa, a família recebe uma mediana de R\$1.500 acima da mediana dos homens (R\$950). A única mulher

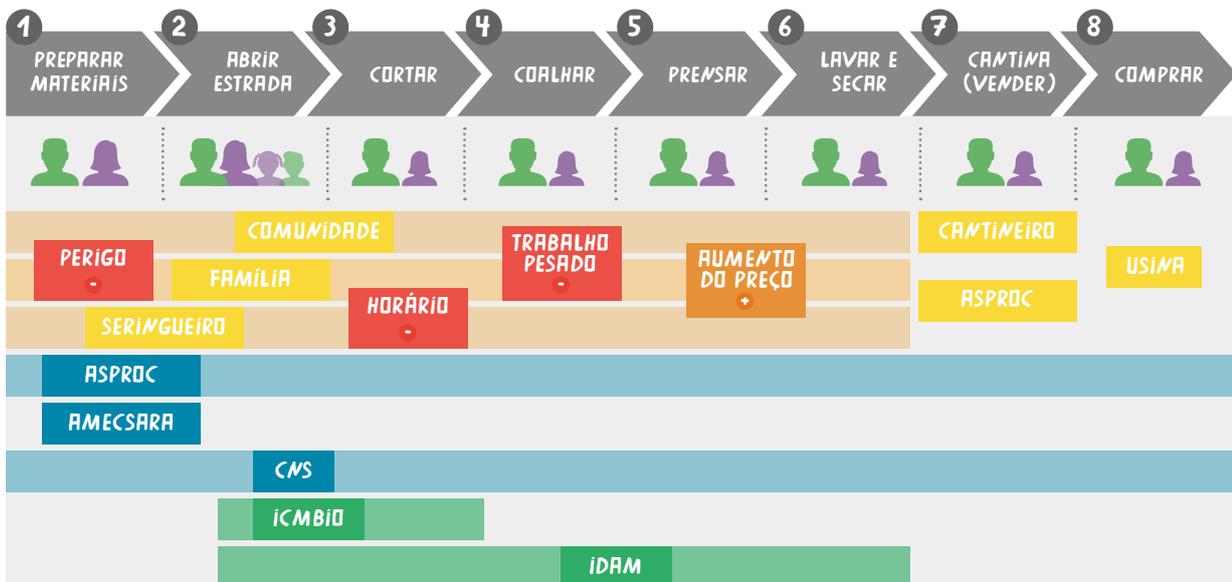
recedora dentre as entrevistadas recebe menos, no valor de R\$500/safra.



Foto: Bernardo Oliveira (acervo IJ).

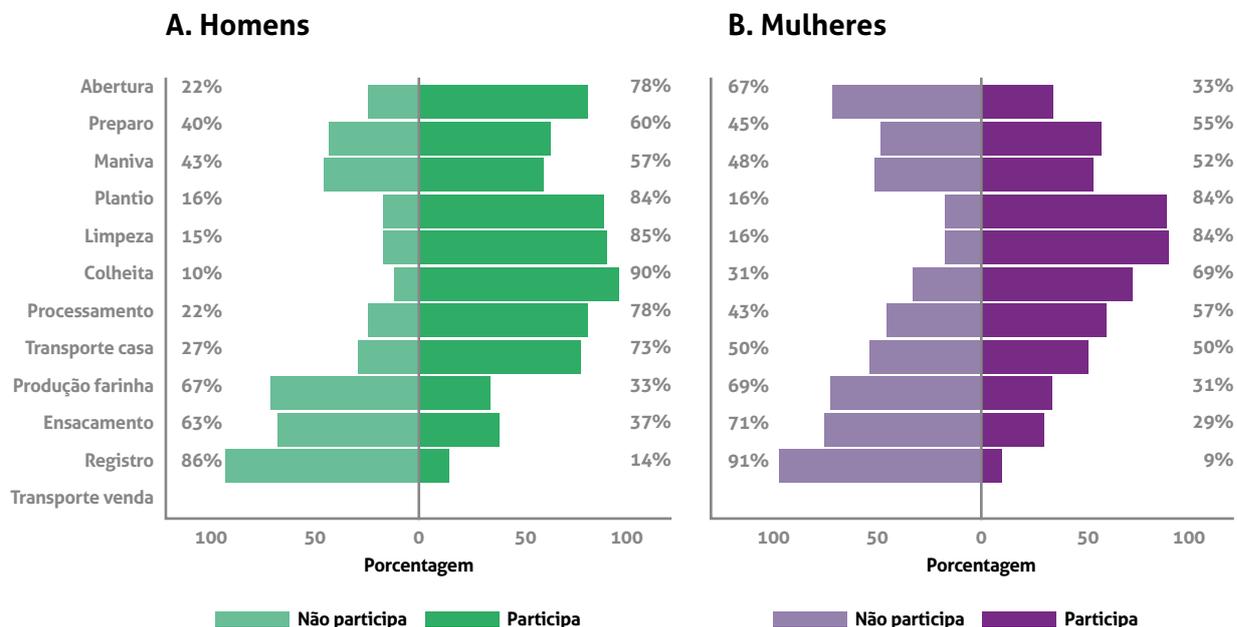
## Cadeia da Borracha na perspectiva da comunidade São Raimundo

Mapeamento gerado pela oficina

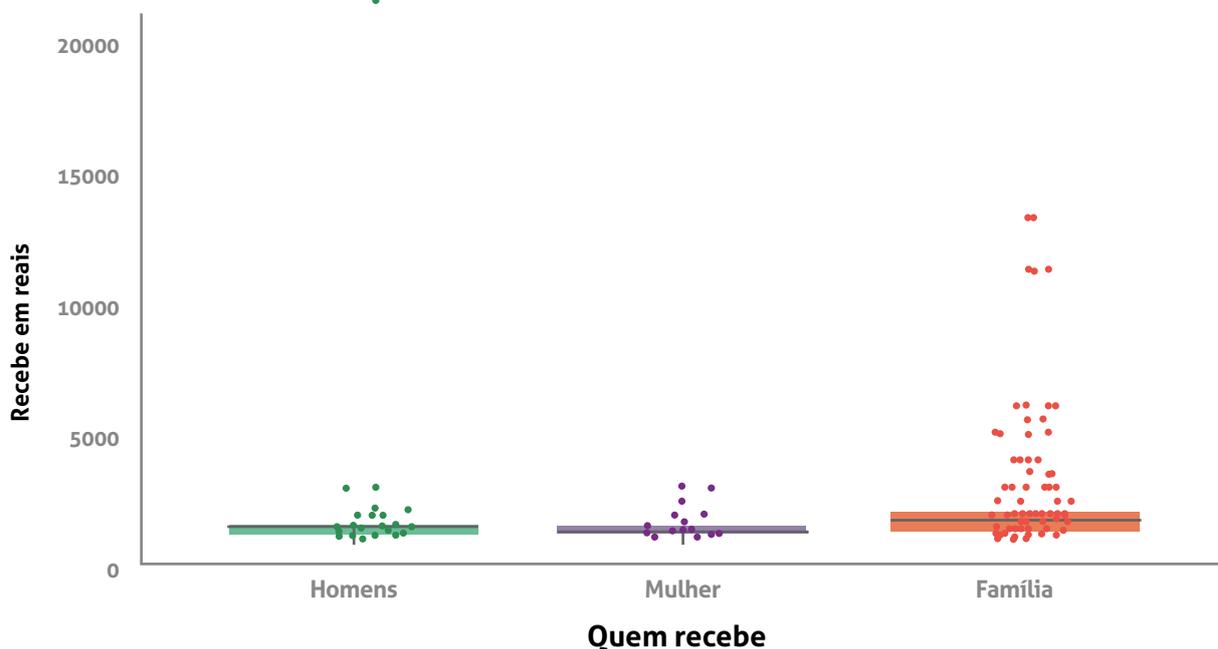


Na legenda em cores, temos: Escala de cinza: os elos da cadeia. Amarelo: operadores primários da cadeia. Azul: serviços de apoio. Verde: ambiente regulador. Vermelho: restrições. Laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição que ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente o elo indicado na vertical.

# CADEIA DA FARINHA (ROÇA DE MANDIOCA - *Manihot esculenta*)



## C. Quanto e quem recebe em dinheiro



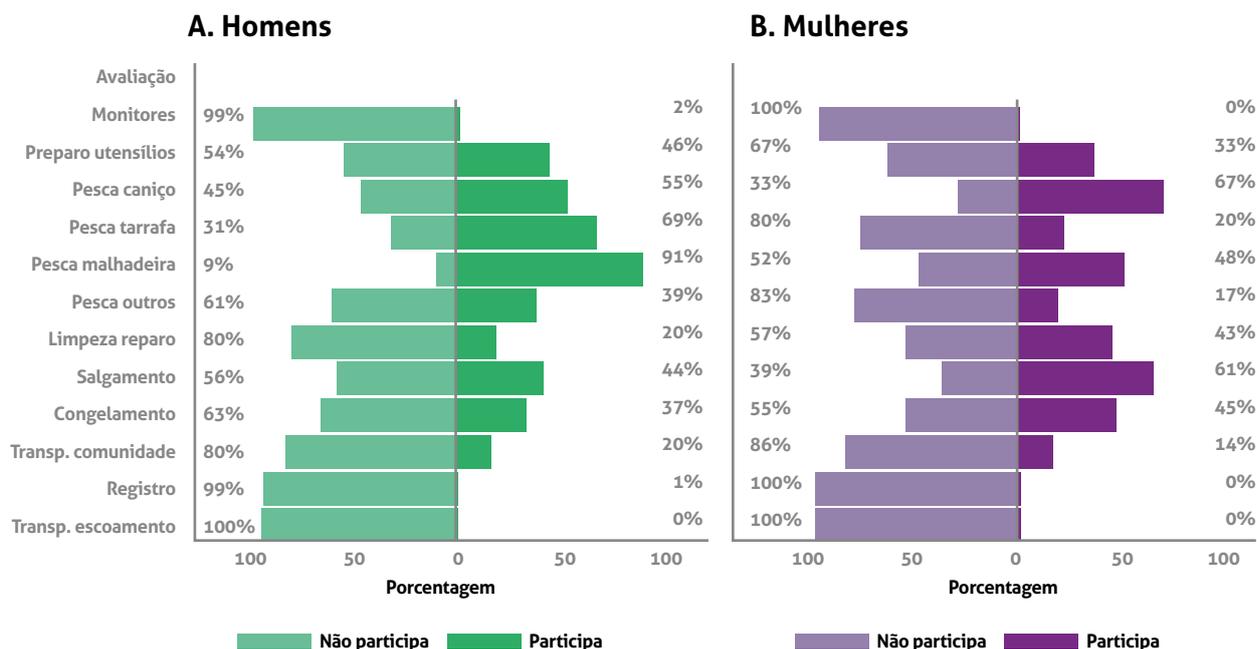
Valores em reais (R\$) recebidos pela safra da mandioca. Cada ponto representa um(a) entrevistado. A linha no interior da caixa representa a mediana, que é o ponto central da distribuição dos valores.

Na Cadeia da Farinha, a família recebe a mediana de R\$800, podendo alcançar valores bem maiores. Homem e mulher

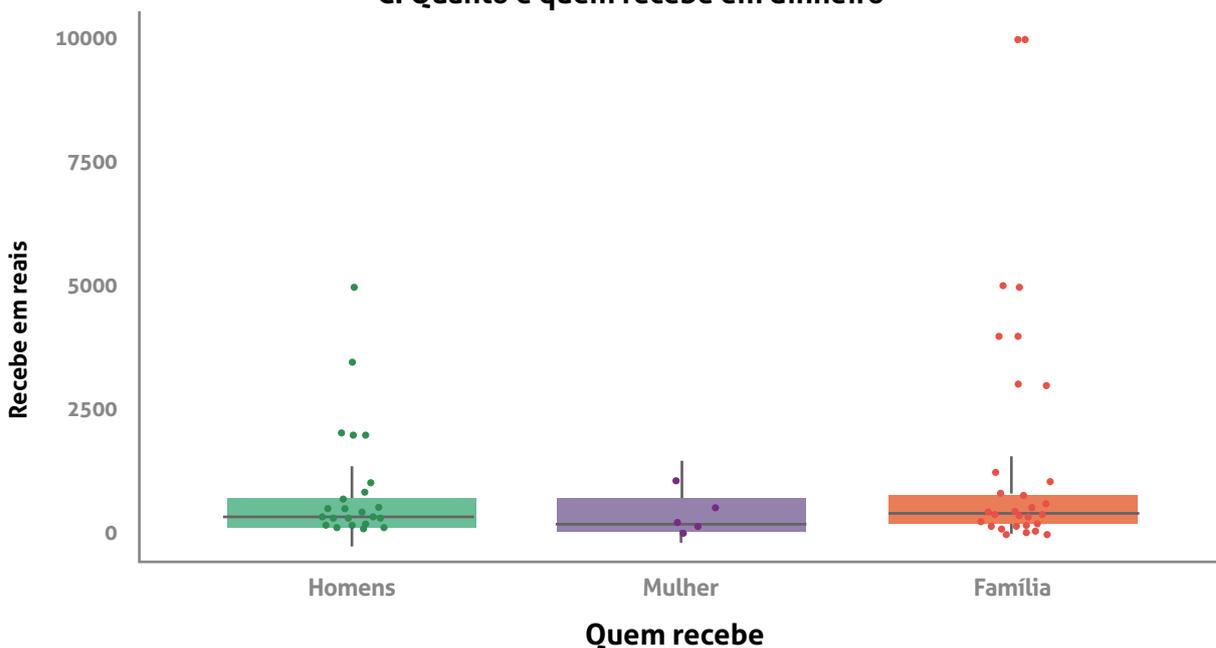
recebem de forma parecida, abaixo da mediana da família (por volta de R\$500).



# CADEIA DO PESCADO



## C. Quanto e quem recebe em dinheiro



Valores em reais (R\$) recebidos pelo pescado. Cada ponto representa um(a) entrevistado. A linha no interior da caixa representa a mediana, que é o ponto central da distribuição dos valores. Cada ponto representa um valor ganho por uma mulher, um homem ou pela família.

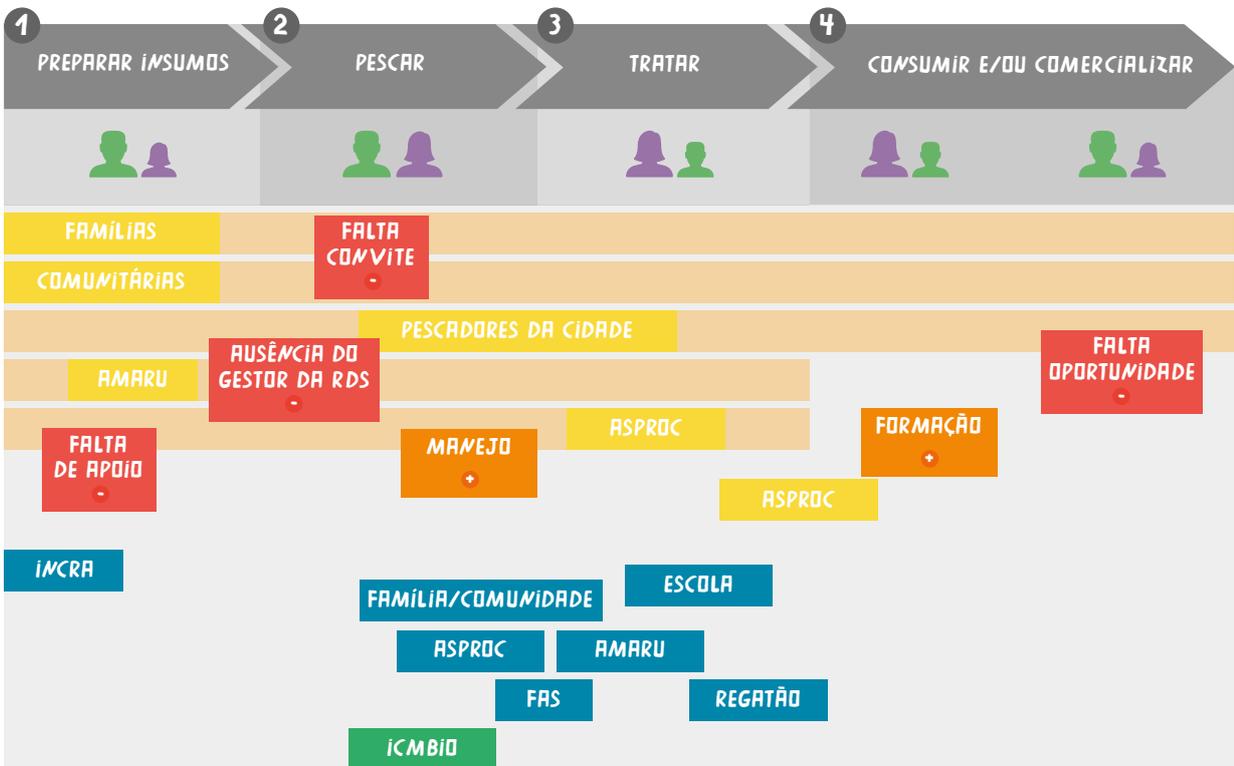
Na Cadeia do Pescado, homem e família recebem similarmente o valor de R\$300 (e discrepâncias na ordem de R\$2.500 a

R\$5.000). A mulher recebe menos, cerca de R\$200 na mediana.



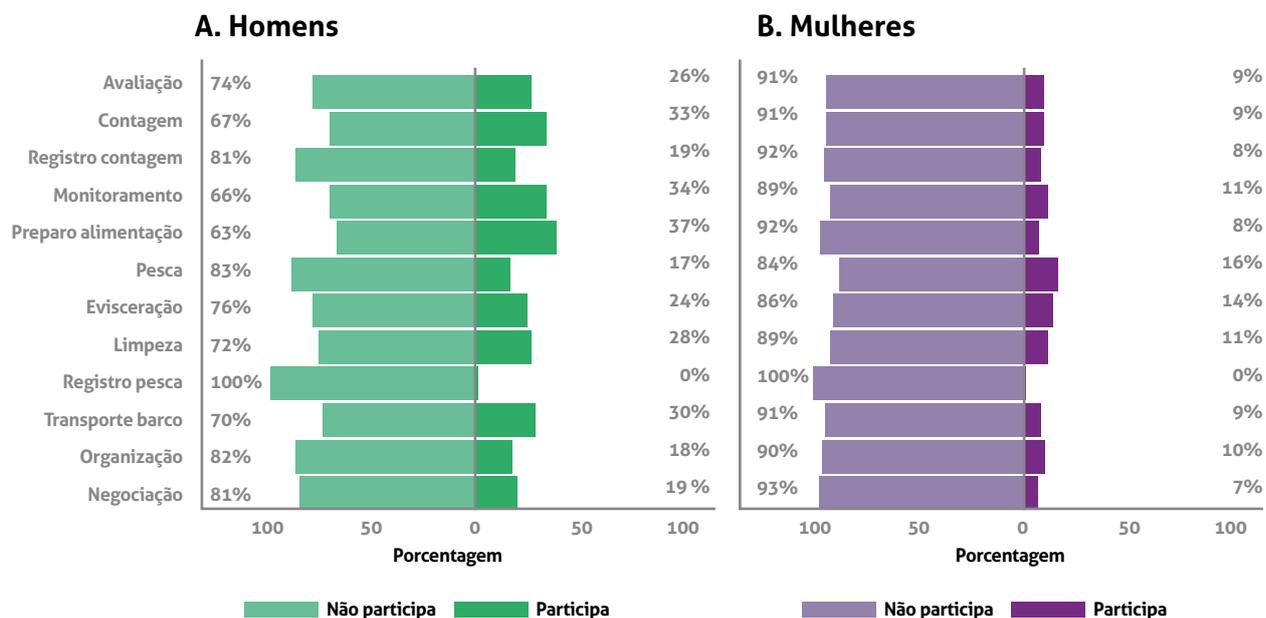
Foto: Bernardo Oliveira (acervo IJ).

### Cadeia do Pescado na perspectiva da comunidade Vila Ramalho (Chue) Mapeamento gerado pela oficina

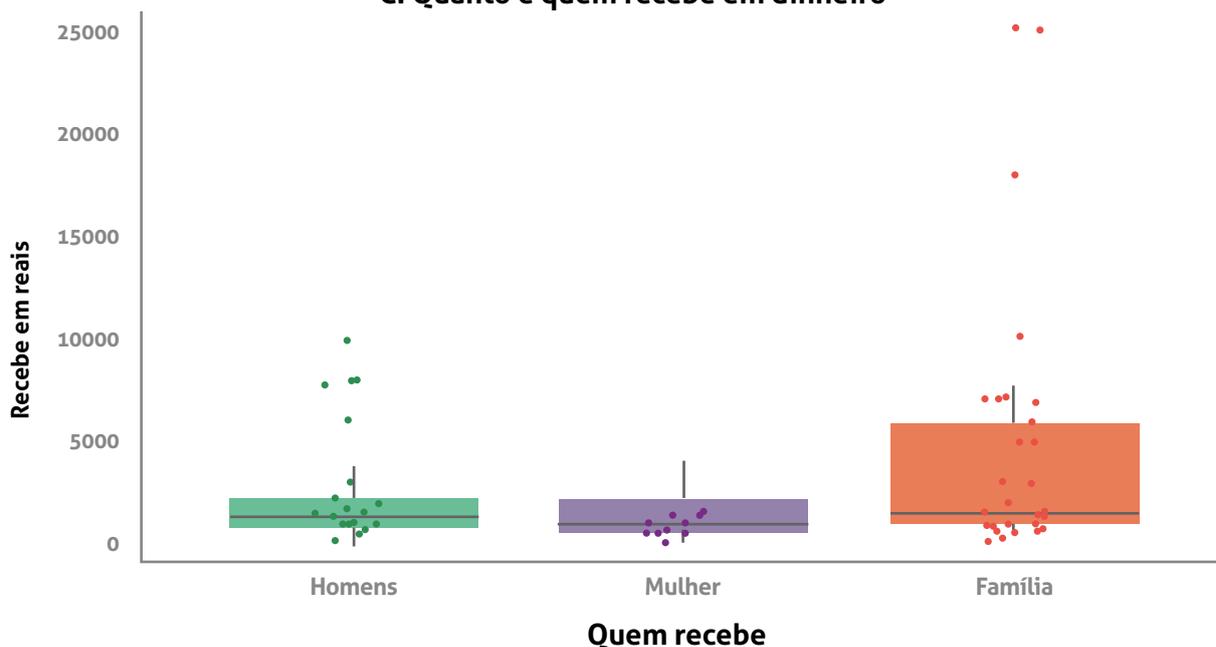


Na legenda em cores, temos: Escala de cinza: os elos da cadeia. Amarelo: operadores primários da cadeia. Azul: serviços de apoio. Verde: ambiente regulador. Vermelho: restrições. Laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição que ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente o elo indicado na vertical. OBS 2: nesta oficina não foram levantadas as posições dos serviços de apoio; somente da instituição reguladora e das organizações operadoras.

# CADEIA DO PIRARUCU (*Arapaima gigas*)



## C. Quanto e quem recebe em dinheiro

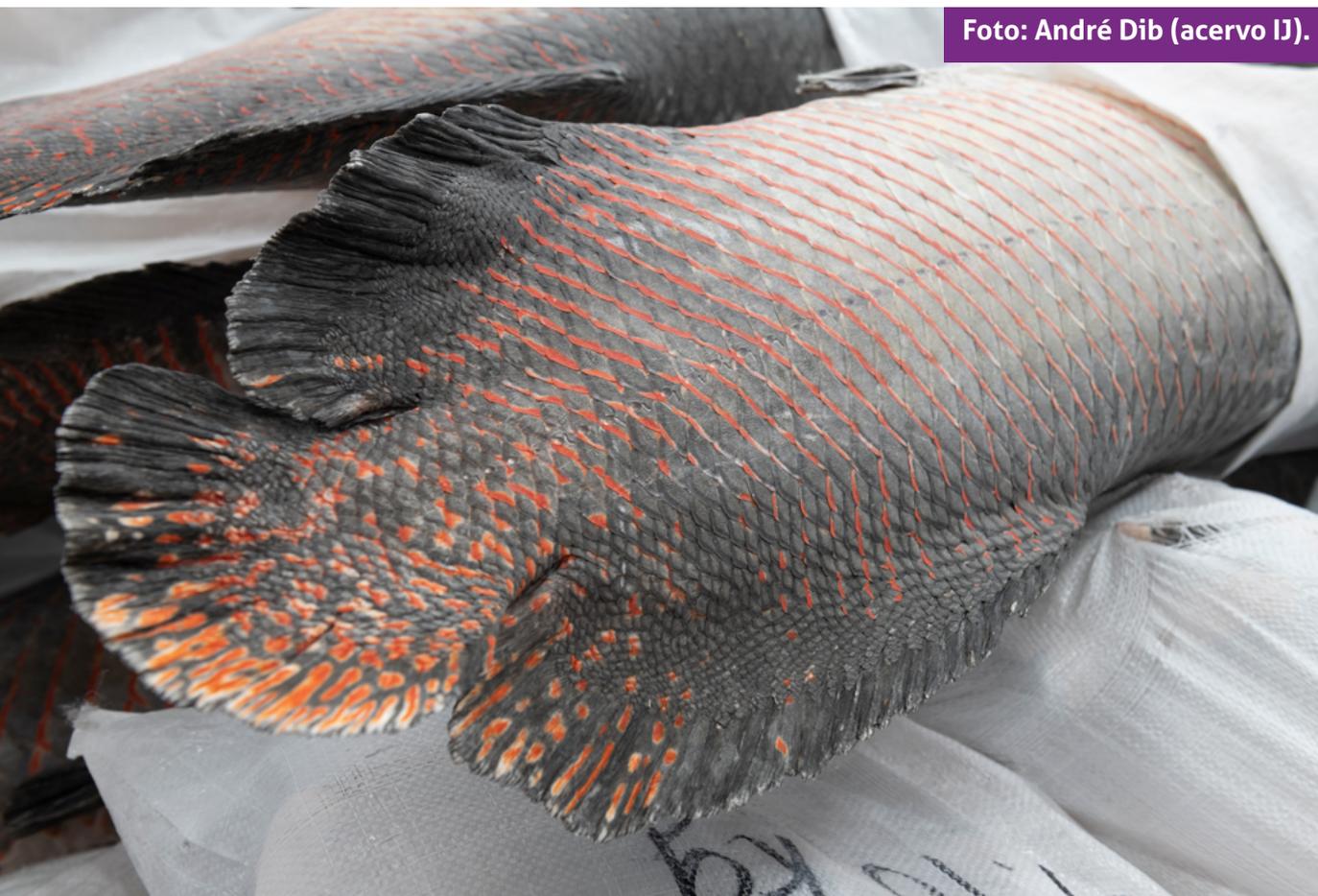


Valores em reais (R\$) recebidos pelo manejo do pirarucu. Cada ponto representa um(a) entrevistado. A linha no interior da caixa representa a mediana, que é o ponto central da distribuição dos valores.

Na Cadeia do Pirarucu, a família recebe cerca de R\$1.500 na mediana (podendo alcançar até mais de R\$5.000, afora os valores discrepantes). O homem recebe

em torno de R\$1.100 e a mulher recebe menos (aproximadamente R\$600 na mediana).

Foto: André Dib (acervo IJ).



## Cadeia do Pirarucu na perspectiva da comunidade Lago Serrado

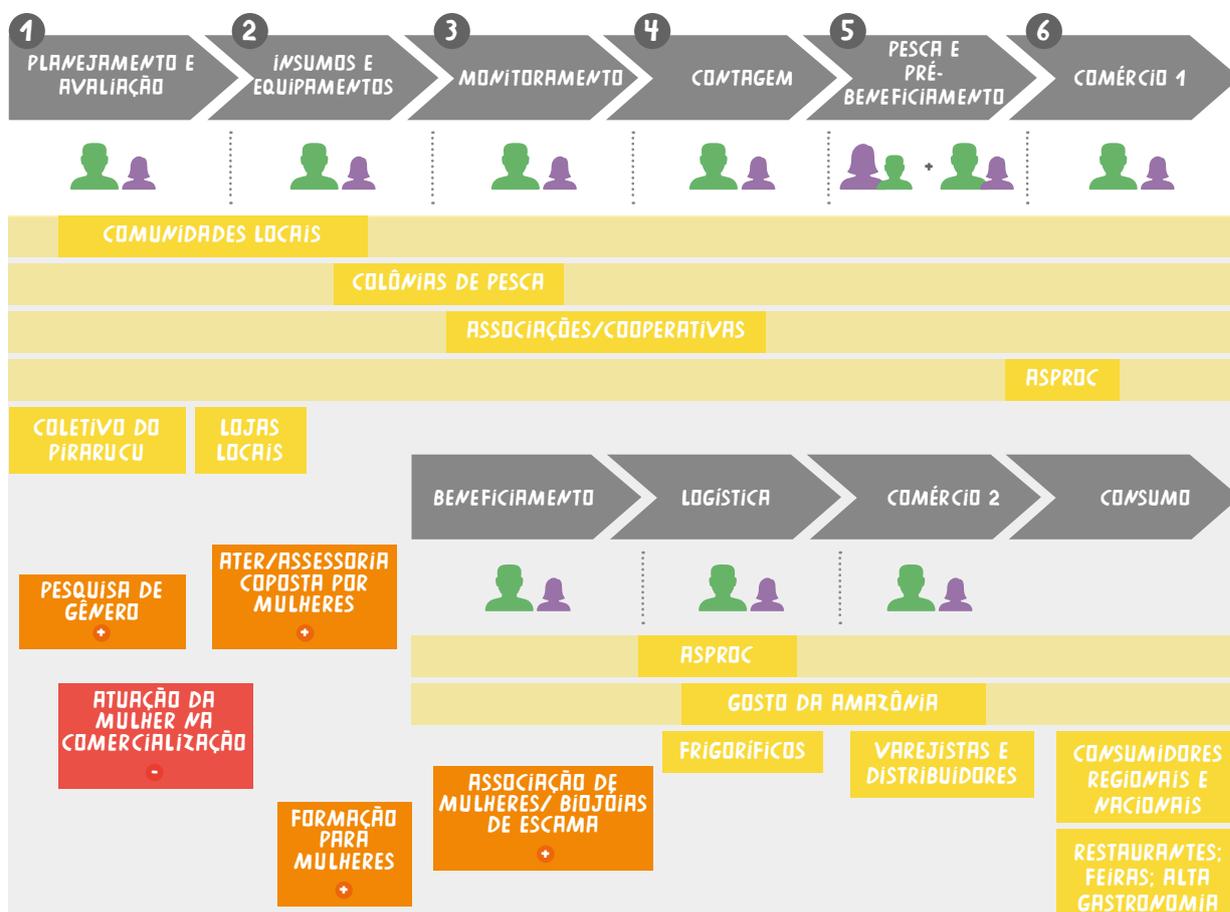
Mapeamento gerado pela oficina



Os elos da cadeia do pirarucu na perspectiva da comunidade Lago Serrado, conforme mapeamento participativo. OBS: Houve perda de registro sobre os demais elementos que compõem o quadro. Para melhor entendimento deste cenário, preparamos um diagrama realizado em outra oficina, em Abril de 2022, na cidade de Manaus, por moradores e trabalhadores do Médio Juruá. Além disso, sugere-se realizar uma nova oficina, com as organizações que participam do manejo do pirarucu, a fim de sensibilizar os operadores quanto às noções de gênero e cadeia de valor.

## Cadeia do Pirarucu no Médio Juruá sob outro ponto de vista

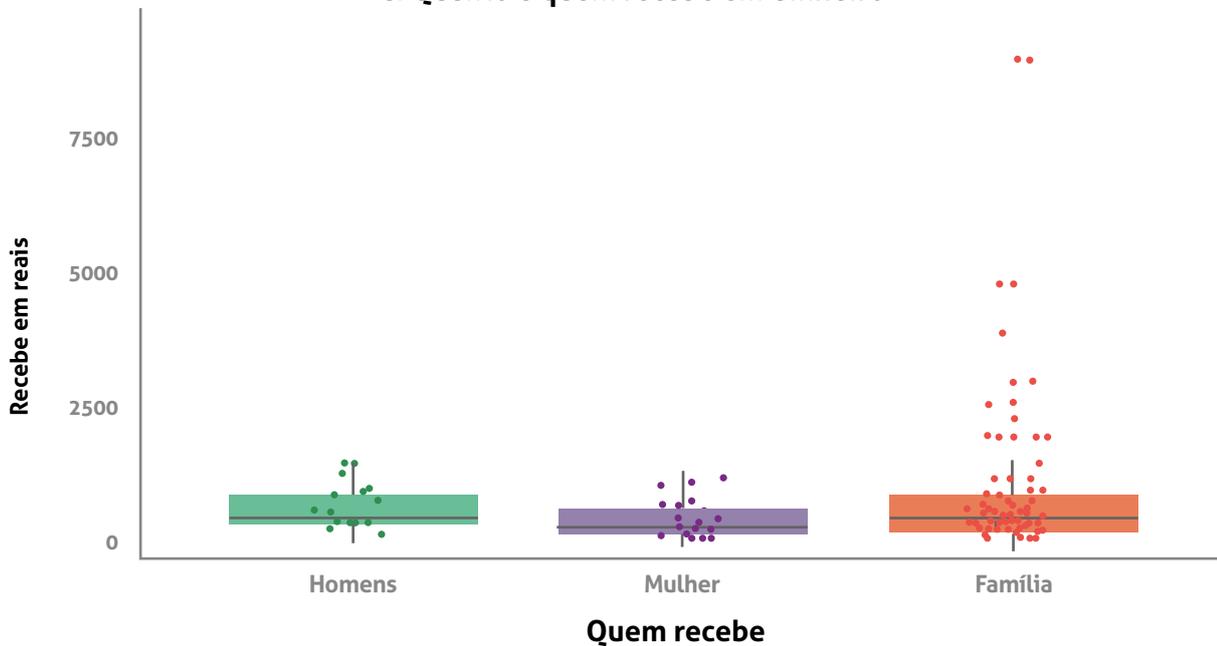
Mapeamento gerado pela oficina "Organização e Fomento de Cadeias de Valor com Enfoque em Gênero"



Cadeia do pirarucu na perspectiva geral do Médio Juruá, conforme mapeamento participativo, realizado por moradores e/ou trabalhadores da região, durante o curso "Organização e fomento de cadeias de valor com enfoque em gênero", em Manaus, Abril de 2022. Na legenda em cores, temos: Escala de cinza: os elos da cadeia. Amarelo: operadores primários da cadeia. Azul: serviços de apoio. Verde: ambiente regulador. Vermelho: restrições. Laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição que ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente o elo indicado na vertical. OBS 2: Nesta oficina não foram levantadas as posições das instituições reguladoras; somente as das organizações operadoras primárias e os serviços de apoio.

# CADEIA DO MURUMURU (*Astrocaryum murumuru*)<sup>5</sup>

## C. Quanto e quem recebe em dinheiro



Valores em reais (R\$) recebidos pela safra do Murumuru. Cada ponto representa um(a) entrevistado. A linha no interior da caixa representa a mediana, que é o ponto central da distribuição dos valores.

Na Cadeia do Murumuru, homem e família recebem similarmente em torno de R\$500 na mediana. Mulher recebe menos (aproximadamente na faixa central de R\$300).

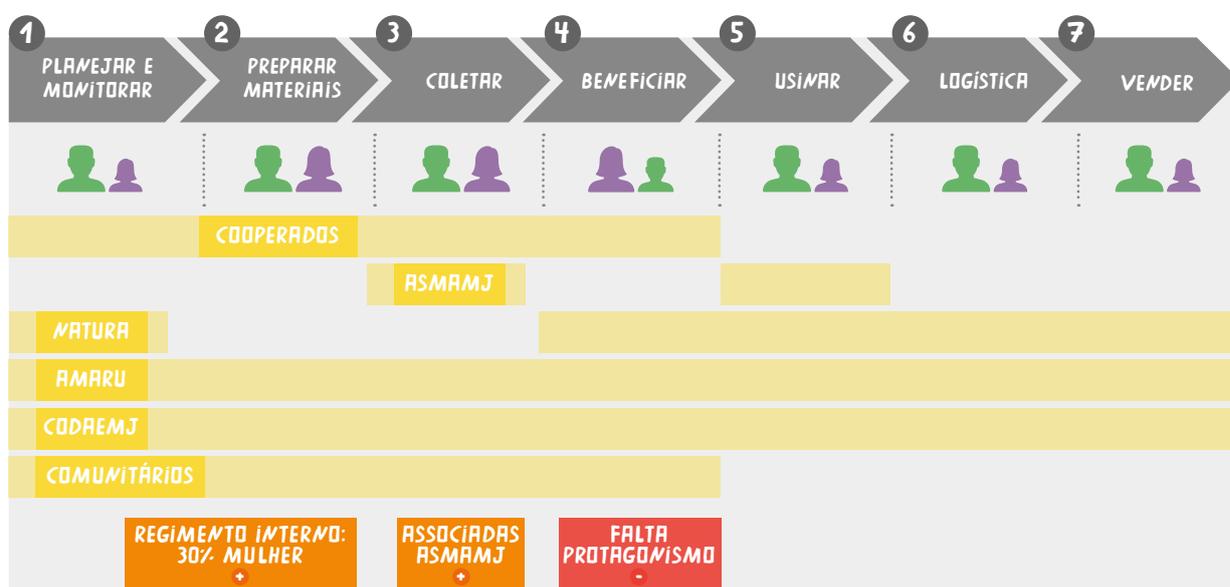
<sup>5</sup> A figura gráfica relativa à participação de homens e mulheres na etapa da cadeia do murumuru não está exposta, pois houve um problema técnico no programa informático (bug) do aplicativo FastField, durante as atividades de campo (coleta e armazenamento dos dados). Para melhor compreensão desta cadeia, sugere-se leitura do relatório no subcapítulo sobre a oficina de grupo focal da cadeia das oleaginosas, realizada na comunidade do Roque, com importantes representantes da CODAEMJ - Cooperativa Mista de Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária do Médio Juruá. Também é recomendado endereçar a leitura para a sessão sobre a participação de jovens adolescentes nesta cadeia.

Foto: Carolina Freitas (acervo IJ).



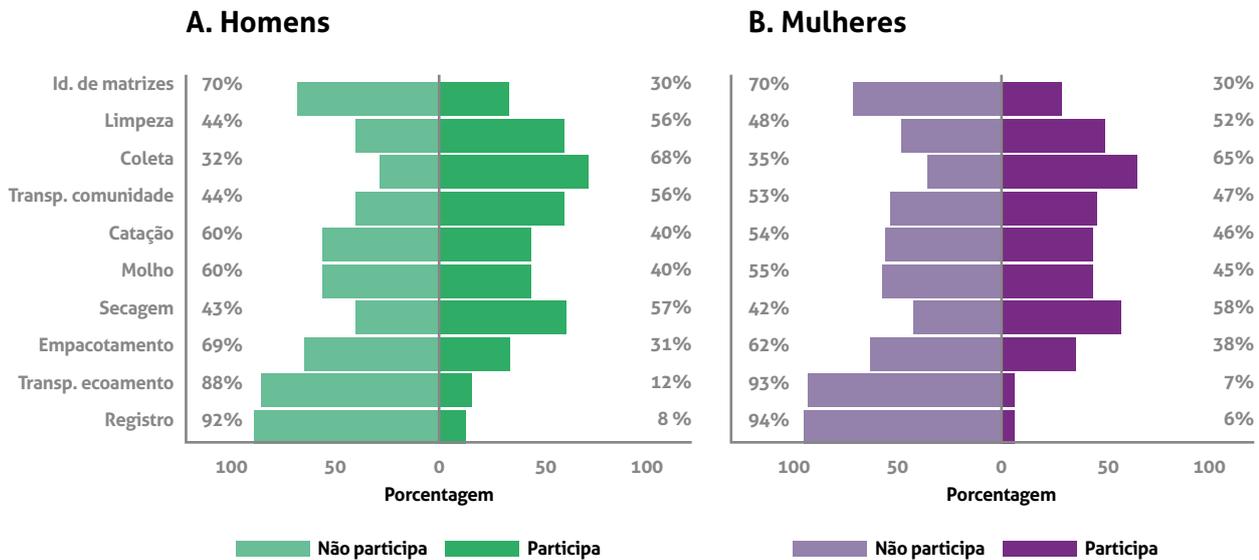
## Cadeia das Oleaginosas (Murumuru e Andiroba) na perspectiva da comunidade do Roque

Mapeamento gerado pela oficina

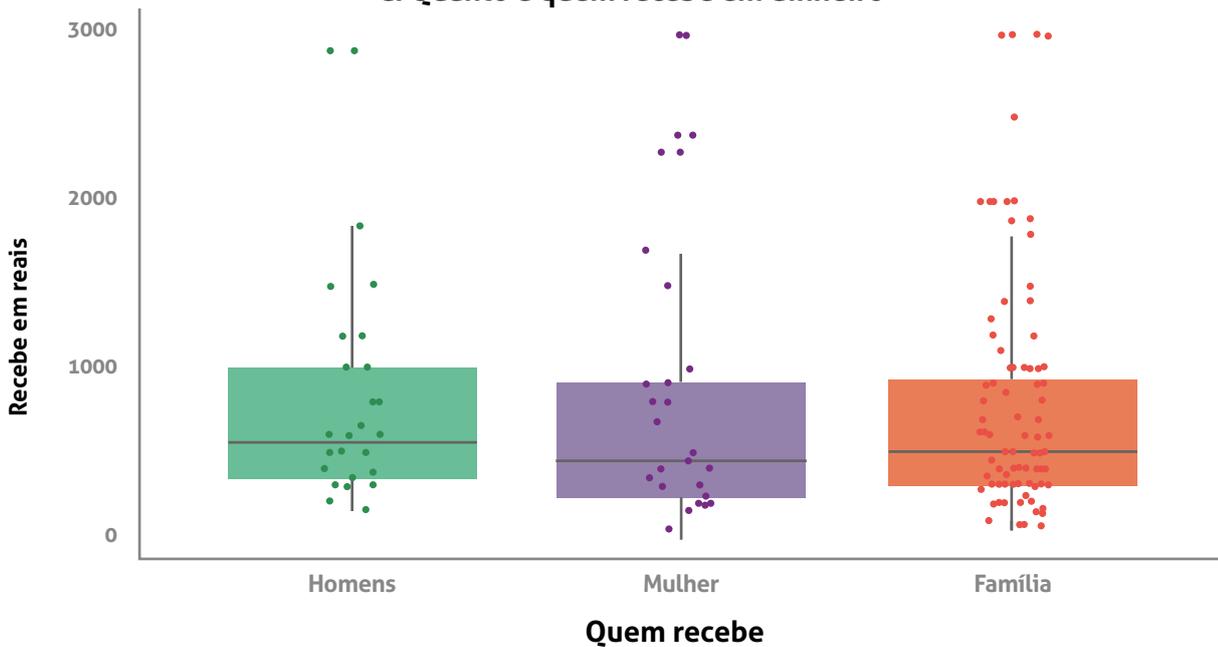


Cadeia das oleaginosas (Murumuru e Andiroba) na perspectiva do Roque, conforme mapeamento participativo. Na legenda em cores, temos em: Escala de cinza: os elos da cadeia. Amarelo: operadores primários da cadeia. Azul: serviços de apoio. Verde: ambiente regulador. Vermelho: restrições. Laranja: oportunidades. OBS 1: as tarjas amarelas claras, azuis claras e verdes claras, ao fundo dos agentes, indicam a posição que ocupam no(s) elo(s) da cadeia. Quando não há tarja ao fundo, significa que o agente ocupa somente o elo indicado na vertical. OBS 2: nesta oficina não foram mapeados os serviços de apoio e instituições reguladoras, haja vista a larga necessidade de se debater os primeiros pontos levantados no quadro.

# CADEIA DA ANDIROBA (*Carapa guianensis*)



## C. Quanto e quem recebe em dinheiro



Valores em reais (R\$) recebidos pela safra da andiroba. Cada ponto representa um(a) entrevistado. A linha no interior da caixa representa a mediana, que é o ponto central da distribuição dos valores.

Na Cadeia da Andiroba, o homem recebe mais que a família, que por sua vez, recebe mais que a mulher. Enquanto eles

recebem a faixa mediana de R\$550, a família recebe R\$500 e a mulher R\$450.

Foto: Bernardo Oliveira (acervo IJ).



A partir das demonstrações gráficas reveladas pelas entrevistas semiestruturadas, percebemos que, de modo geral, homens e mulheres participam de todas as cadeias produtivas, com algumas diferenças relacionadas às ocupações e proporções de gênero por etapas de trabalho. Nas Cadeias do Pirarucu e da Seringa, as etapas são muito mais aderidas pelos homens do que pelas mulheres, sendo que essas são as duas atividades econômicas que dão mais retorno financeiro, dentre as analisadas. Diminuindo gradualmente as diferenças, mas ainda de modo discrepante, percebemos, de maneira geral, mais homens do que mulheres nas etapas do Açaí, Pescado e Farinha, sendo que a diferença é maior nessas duas últimas do que na primeira cadeia. A cadeia da Andiroba é a em que a participação de mulheres e homens é

mais parecida, quando olhamos para as etapas trabalhadas. Ainda assim, nesta cadeia o recebimento de renda pelas mulheres é menor quando comparado ao que homens e 'famílias' recebem, como acontece em todas as demais cadeias.

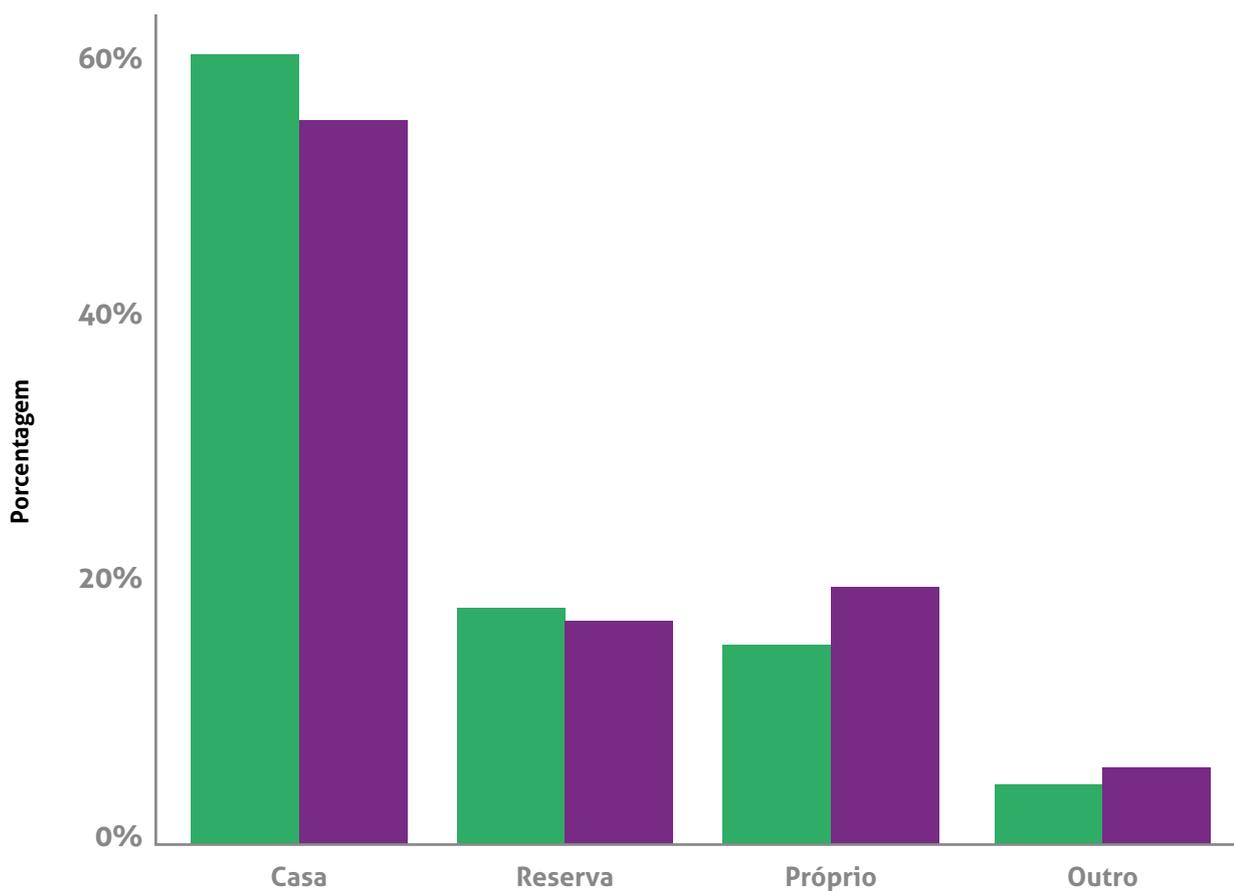
**Sobre a destinação da renda, por safra nas cadeias, para Homem, Mulher ou Família, observamos, resumidamente, que:**

- A categoria Família recebe mais que Mulher e Homem nas cadeias da seringa, da farinha e do pirarucu.
- Homem e Família são remunerados de forma parecida nas cadeias do açaí, do pescado e do murumuru.
- Homem recebe um pouco mais que Mulher e Família na cadeia da andiroba.
- Mulher recebe menos que Homem e Família em todas as cadeias.

Ao serem questionadas(os) sobre “Como usam o dinheiro” proveniente dessas cadeias produtivas, homens e mulheres demonstraram respostas similares, sendo que: um pouco menos que 60% é destinado à casa; um pouco menos

que 20% à reserva financeira; na faixa próxima a 20% o dinheiro é destinado ao uso próprio; e em menos de 5% dos casos para outro tipo de uso.

### Uso do dinheiro proveniente das cadeias



Como homens (em verde) e mulheres (em roxo) usam o dinheiro proveniente das cadeias.



Foto: Sayori Minato (acervo IJ).

## PERCEPÇÕES DE ESTEREÓTIPO DE GÊNERO

Ao realizarmos perguntas sobre as “percepções dos estereótipo de gênero” nas cadeias produtivas (ou seja, como as pessoas enxergam os padrões sociais pelo senso comum), a maioria da mulheres (87%) e homens (89%) consideram homens superiores na retirada do açaí; assim como na extração da seringa (mulheres =

77%, homens = 78%); no manejo do pirarucu (mulheres = 67%, homens = 72%); e no carregamento do pirarucu (mulheres = 88%, homens = 85%). Além disso, algumas mulheres e homens (a minoria) consideram essas atividades exclusivamente masculinas, como mostrado na Tabela.

### Número de mulheres e homens que consideram o trabalho nas cadeias como exclusivamente masculino

ATIVIDADE	NÚMERO DE MULHERES	% MULHERES	NÚMERO DE HOMENS	% HOMENS
Roça de mandioca	3	1,4%	1	0,9%
Manejo de pirarucu	13	6,4%	5	4,6%
Pesca	15	7,4%	10	9,3%
Açaí	18	8,9%	4	3,7%
Murumuru	1	0,5%	1	0,9%
Andiroba	2	1%	2	1,8%
Seringa	15	7,4%	14	13%

## CURSOS E CAPACITAÇÕES

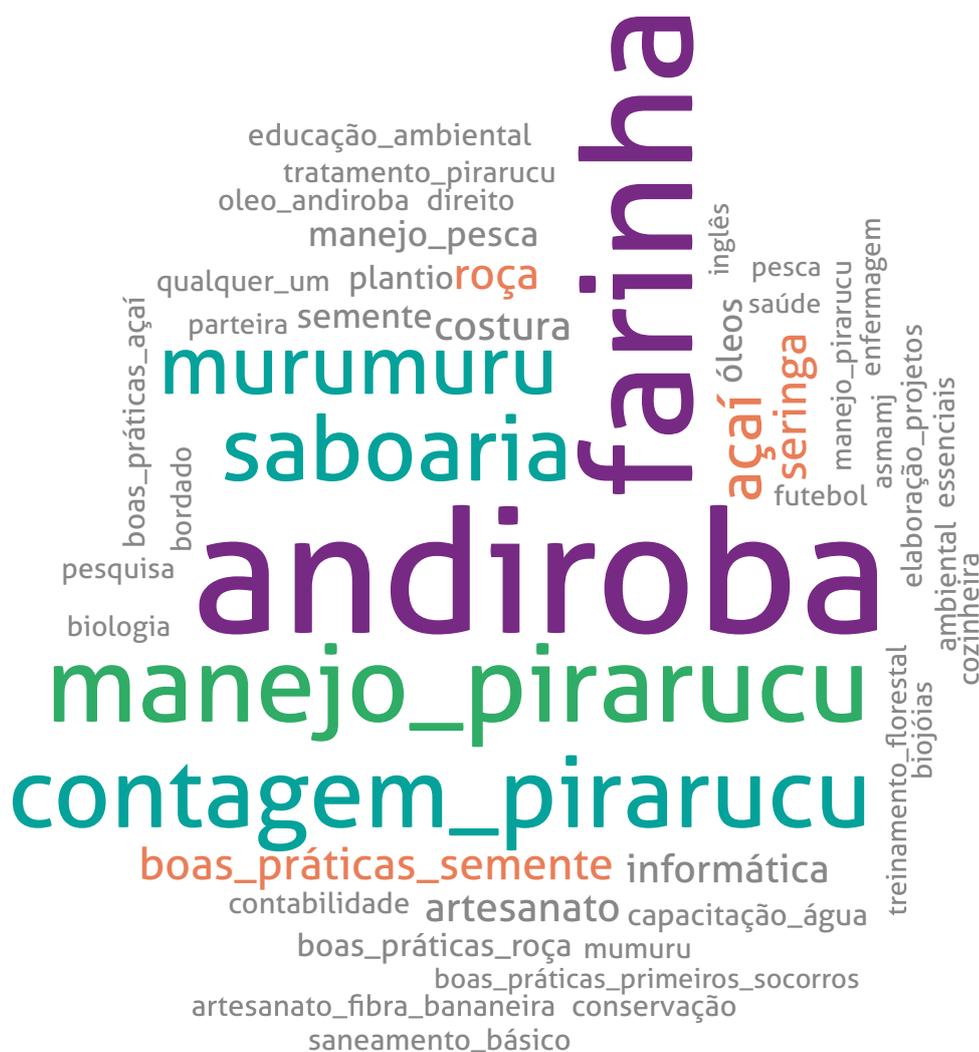
Quando perguntadas(os) sobre o desejo de participar de treinamentos e/ou capacitações para o trabalho, sejam voltados para as cadeias produtivas comuns no território ou relacionados a outros tipos de atividades, 80% das mulheres e 74% dos homens disseram que gostariam de fazê-lo. Quanto ao assunto de interesse, encontramos que tanto para mulheres quanto para homens, os treinamentos mais

mencionados são relacionados às cadeias produtivas já existentes na região. Para as mulheres: andiroba (34 menções), produção de farinha (30), manejo (19) e contagem de pirarucu (17). Entre os homens, o pirarucu (26), manejo (18) e a seringa (16) se destacam.

Chama a atenção também a diferença na quantidade de treinamentos e

capacitações variados que foram citados por mulheres (48) e homens (29). Dentre esses, os citados pelos homens estão na área da tecnologia, elétrica e agricultura, além dos trabalhos manuais e artesanatos "mais pesados", como a carpintaria e a marchetaria. Já as mulheres disseram se interessar por outros tipos de artesanatos, como costura, bordado e biojóias. São também as mulheres que trazem à tona o desejo de aprimoração em atividades relacionadas aos cuidados, e ao bem comum, através das palavras: parteira,

capacitação para água, saneamento básico, cozinheira, primeiros socorros, enfermagem, saúde, pesquisa, conservação e educação ambiental. O interesse por esses temas reforça o papel de transformadoras sociais que elas desempenham nas comunidades. Entendemos que, ainda que a feminização do cuidado seja também uma construção social, a movimentação no sentido de pensar soluções e de desejar capacitações para transformar a realidade das comunidades aparece como um diferencial entre as mulheres.



Nuvem de palavras representando respostas das **mulheres** quando questionadas quanto ao tipo de treinamento/curso/capacitação que gostariam de realizar. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam número similar de menções.



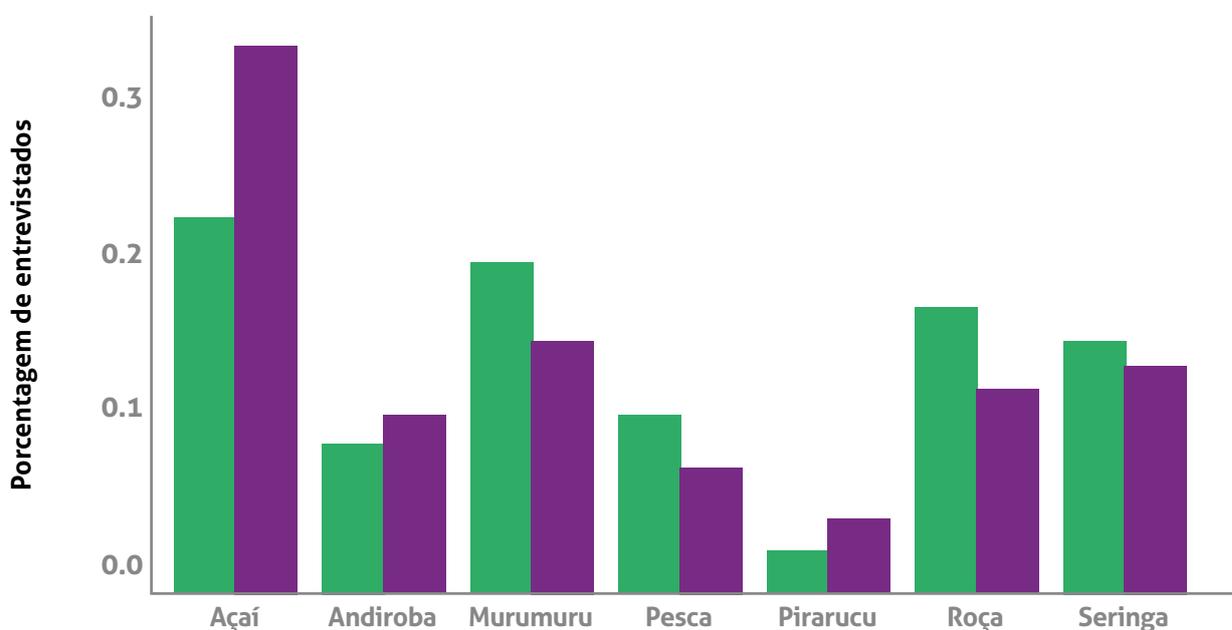
Nuvem de palavras representando respostas dos **homens** quando questionados quanto ao tipo de treinamento/curso/capacitação que gostariam de realizar. O tamanho das palavras é proporcional ao número de citações. Palavras com a mesma cor receberam um número similar de menções. As palavras 'pirarucu', 'manejo' e 'seringa' foram citadas 26, 18 e 14 vezes, respectivamente.

# SEGURANÇA NO TRABALHO

As atividades relacionadas às cadeias produtivas tem uma periculosidade associada, assunto que abordamos a partir da percepção dos entrevistados. A atividade percebida como mais perigosa pelas(os) entrevistadas e entrevistados é a coleta de açaí,

seguida da coleta de murumuru, vista como perigosa pelas mulheres, e atividades na roça e na seringa, vistas como perigosas pelos homens, enquanto a considerada menos perigosa por homens e mulheres é o manejo de pirarucu.

Atividade mais perigosa



**Atividades indicadas como a mais perigosa (entre as que compõem as cadeias produtivas diagnosticadas)**

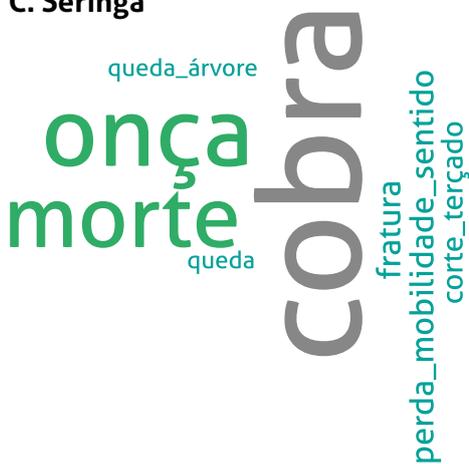
**A. Açai**



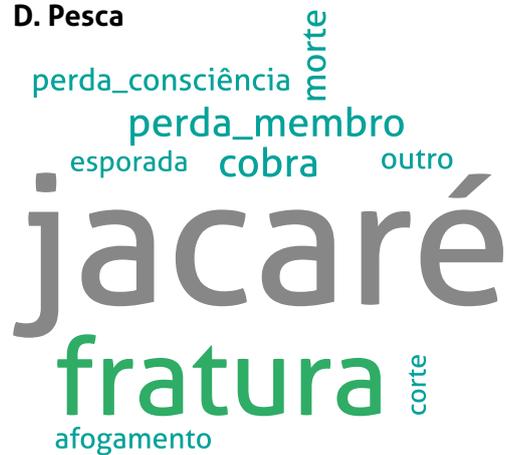
**B. Murumuru**



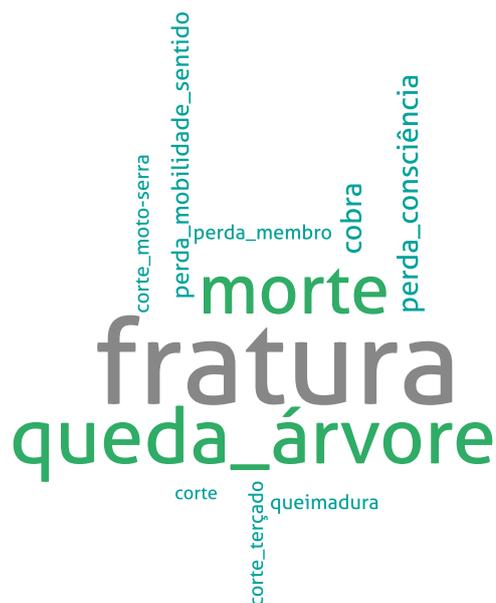
**C. Seringa**



**D. Pesca**



**E. Roça**



Os perigos mais comumente associados às cadeias produtivas e as consequências de acidentes de trabalho



# 5

# 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

## MELHORIA DA CONDIÇÃO DAS MULHERES NAS CADEIAS PRODUTIVAS

Como dito anteriormente, esta cartilha sobre “*Gênero, trabalho e as cadeias produtivas no Médio Juruá*” é fruto de um diagnóstico mais profundo descrito pelo relatório técnico, acessível no website do Instituto Juruá, que também inclui pesquisa direcionada à *Juventude*, além de outros assuntos relevantes para a construção de políticas afirmativas destes grupos no território.

Diversos pontos devem ser levados a debate com a participação ativa de atores locais e parceiros aliados, a fim de que as organizações de base possam priorizar estratégias de curto, médio e longo prazo em seus planos de ação.

Apenas alguns destes pontos foram apresentados, de forma resumida, nesta cartilha, especificamente nos conteúdos relacionados às *cadeias produtivas da sociobiodiversidade, ao trabalho (produtivo e reprodutivo)* e a como se dá a participação de mulheres e homens da zona rural do Médio Juruá neste cenário.

Diante dos dados aqui apresentados, elencamos abaixo sugestões de medidas que podem ser tomadas para a melhoria da condição das mulheres nas cadeias produtivas da região.

### SUGESTÕES:

#### 1 Apoio comunitário à participação social das mulheres

Considerando que mulheres participam menos das reuniões intercomunitárias e outros eventos importantes nas tomadas de decisões, e que essa realidade parece ser consequência principalmente da carga de trabalho doméstico e de cuidados, sugerimos a promoção de medidas (formuladas pelos moradores do território junto à ASMAMJ) para apoiar as mulheres durante esses eventos. O diagnóstico traz como exemplo a metodologia de acolhimento às mulheres e crianças promovida pela ASMAMJ, que, durante as reuniões e assembleias, disponibiliza um grupo responsável por entreter e

educar as crianças no centro da roda, onde mães e filhos podem se entreolhar e manter conexão. Outro exemplo que poderia aliviar a carga da mulher em seus trabalhos reprodutivos e produtivos para maior participação social é a adoção da oferta de refeições como protocolo dos eventos, por parte do grupo organizador. Uma parte do recurso orçamentário anual ou bianual das associações locais poderia ser previsto em planejamento para que fosse direcionado aos mecanismos de inclusão das mulheres nas reuniões gerais do território.

2

### **Subsídios à maternagem a partir de incidência política**

Além das abordagens de acolhimento à mulher e às crianças sugeridas para melhorar a participação social feminina nas reuniões, enfatizamos que a implementação de Serviços de Apoio à Maternagem por parte dos órgãos públicos, tal como creche, escola, transporte às unidades de ensino e projetos educativos podem representar um aprimoramento significativo para o alcance da equidade de gênero nos trabalhos relacionados às cadeias produtivas. Nesse sentido, a intensificação da atuação junto ao Estado em suas três esferas (judiciário, legislativo e executivo) para buscar incidência política quanto a essas pautas, através de mecanismos como: adesão e/ou constituição de conselhos e comissões, proposição de audiências, conferências e projetos de lei (PL), influência sobre os Planos Plurianuais e o Orçamento Público Participativo,

dentre outras práticas que possibilitem à ASMAMJ e as suas organizações aliadas maior participação sociopolítica. Acreditamos que um bom ponto de partida para que tal incidência política aconteça é o fortalecimento da iniciativa da ASMAMJ, que mobiliza mulheres para reunirem-se em torno de um GT Mulher específico para cada comunidade. Isso somado aos arranjos institucionais existentes no Território Médio Juruá.

3

### **Divisão justa do trabalho reprodutivo**

Em complemento às sugestões anteriores e para a melhoria de vários aspectos da vida social e profissional das mulheres, consideramos ser muito importante sensibilizar e conscientizar as famílias locais sobre as pautas da equidade de gênero na distribuição das tarefas dos lares e de cuidados aos filhos e terceiros. Para isso, pode ser criado um projeto de médio prazo focado nas mulheres, homens, meninas e meninos das comunidades ribeirinhas da região.

4

### **Saúde, coletividade e fortalecimento das mulheres**

Considerando que o relatório aponta para casos recorrentes de casamento infantil e gravidez precoce, em que a maioria das mulheres (51%) e uma parcela menor dos homens (9%) tem seus primeiros filhos antes dos 18 anos, sugerimos atenção especial a este ponto, sobretudo porque ainda se percebe na

geração atual meninas que iniciam a maternidade antes dos 14 anos de idade, o que alerta para leis de proteção às crianças e adolescentes. O início precoce do trabalho reprodutivo deve impactar a vida social, a saúde, a educação e a emancipação para a vida adulta, já que casamento e maternidade são fatores que aumentam as restrições de gênero. Priorizar o acolhimento dessas mulheres e meninas, fazendo com que elas se sintam parte fundamental do processo de lutas e conquistas da ASMAMJ é uma estratégia vigente que deve ser mantida e fortalecida, intensificando também as ações da associação no eixo de Saúde, em parceria com o Estado e a sociedade civil, tais como as oficinas e discussões que já foram realizadas (saúde da mulher, plantas medicinais, consultas ginecológicas, exames preventivos, parteiras tradicionais, etc.). Ainda há muito a se avançar em questão de autoconhecimento, atenção ao corpo e à mente. Assim, a exemplo do Movimento das Mulheres do Nordeste Paraense (MMNEPA), sugerimos o fortalecimento de espaços de trocas de experiências, capacitações e rodas de conversas, que tenham como foco o empoderamento feminino - financeiro, social, político e psicológico -, o que potencialmente atenua situações e violência doméstica. Essa prática se soma aos GTs Mulher (Grupos de Trabalho) nas comunidades e à promoção de redes de apoio, que propiciem o estabelecimento de espaços de escuta afetuosa, de compartilhamento de dores e sonhos, bem como de

denúncia de violências sofridas. Além das atividades voltadas exclusivamente para mulheres, há ações propositivas que já vem ocorrendo no território, a exemplo da AMAB (Associação dos Moradores Agroextrativistas do Baixo Médio Juruá) que, ao focar na qualidade da interação entre casais, também insere homens (maridos e/ou companheiros) como parte do processo de sensibilização. A ASMAMJ é a maior referência na construção desses espaços de acolhimento no Médio Juruá e por isso deve ser fortalecida institucionalmente para que alcance mais comunidades, associações, mulheres e meninas.

## 5 Cursos e capacitações

Promover cursos de capacitação para a inserção das mulheres nas diversas etapas das cadeias produtivas, especialmente as que se destacam na nuvem de palavras apresentada: farinha, andiroba, murumuru, saboaria, pirarucu, açaí, seringa e outros. Atualmente, o Instituto Juruá, em parceria com a ASMAMJ e outras organizações, já promove treinamentos de contagem de pirarucu para as mulheres do Médio Juruá. Com isso, criam-se espaços e mais oportunidades nesta que é uma das cadeias mais rentáveis da região, para o fortalecimento das mulheres na contagem e nos demais elos que elas desejam estar. Além do mais, a própria ASMAMJ tem conseguido mobilizar recursos para trazer diferentes tipos de curso, oficinas, treinamentos e intercâmbios, conforme demanda das

mulheres associadas, tais como: biojóias com escamas, sementes e outras matérias primas da sociobiodiversidade; produção de óleos e essências naturais; saboaria; plantas medicinais e parteria tradicional. É importante olhar para o que já foi construído até aqui e buscar fortalecer tais arranjos, dando continuidade aos trabalhos iniciados. Ademais, os cursos e assistências técnicas voltados para a melhoria das condições de trabalho, questões sanitárias e de segurança, marketing, tecnologia e administração das finanças também têm sido cotados como relevantes pela ASMAMJ e outras vozes do Juruá. Comprometendo-se com a pasta educativa, de assistências técnicas continuadas e abordagens de gênero, aliada à juventude, podemos construir um cenário positivo para que as cadeias produtivas da região qualifiquem-se enquanto verdadeiras cadeias de valor, gerando qualidade de vida e independência financeira às mulheres e homens locais.

## **6 Devolutivas sobre a pesquisa**

Por fim, sugerimos que esta pesquisa possa ser desmembrada em diferentes produtos, materiais e imateriais, capazes de subsidiar os debates e amadurecimentos sobre o tema na região. As devolutivas de apresentação dos resultados devem promover a troca de saberes e experiências entre as comunidades, associações, cooperativas, organizações parceiras e especialistas nos assuntos de gênero, juventude, cadeias de valor e temas transversais. Além do mais, pesquisas futuras podem ser feitas, de tempo em tempo, de forma contínua, para que tenhamos em série histórica os principais dados relevantes aos estudos e planejamentos estratégicos das organizações aliadas.



Foto: Hugo Costa (acervo IJ).





RELATÓRIO TÉCNICO:



REALIZAÇÃO:



APOIO:



Por meio da:

